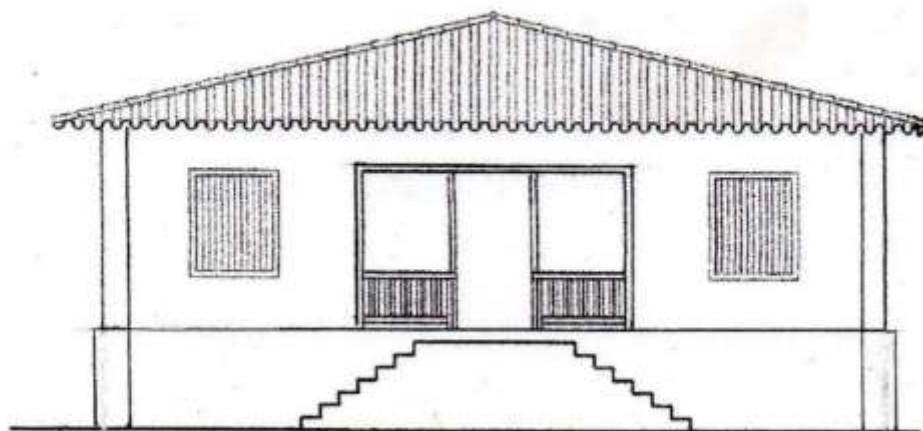


A POUSADA VILA BRASIL e a FAZENDA VELASCO



Fachada

HISTÓRIA E DATAÇÃO DA CASA PRINCIPAL DA POUSADA VILA BRASIL

**25.Setembro.2020
Frederico Reis de Araujo**

SUMÁRIO

I. Objetivo.....	3
II. Construção Civil.....	4
III. Ocupação Territorial.....	11
IV. Fazenda Velasco.....	25
V. Colonização Alemã.....	27
VI. Conclusões.....	32

Anexos

- A. Planta e documento de concessão do Prazo 1201 pelo Imperador D.Pedro II para o colono André Schweickardt.**
- B. Proprietários do Prazo 1201.**
- C. Planta de Localização dos Sub-Prazos e das Casas.**
- D. Bacia Hidrográfica de Petrópolis.**
- E. A Pousada Vila Brasil e sua construções.**
- F. A Fazenda Velasco/Pousada Vila Brasil e a Linha do Tempo.**
- G. Referencias Bibliográficas.**

HISTÓRIA E DATAÇÃO DA CASA PRINCIPAL DA POUSADA VILA BRASIL

Versão: 25.Setembro.2020
Autor: Frederico Reis de Araujo

I. OBJETIVO

Este documento objetiva documentar a história e apresentar os resultados da datação da construção do prédio principal da Pousada Vila Brasil localizada à Rua Bingen, 786, Petrópolis RJ, ocupando os sub-Prazos 1201 E, F, G, N e 1201-5 (Anexo C), tendo como um dos seus proprietários, segundo a Companhia Imobiliária de Petrópolis, o colono Andreas Schweickardt, que recebeu o Prazo 1201 em 10 de Agosto de 1848 do Imperador D.Pedro II. Os atuais proprietários, Frederico Reis de Araujo e Maria Regina Camargos de Araujo, que adaptaram e ampliaram as construções para a criação da Pousada e Casa de Festas Vila Brasil em 2014, realizaram uma ampla pesquisa junto a diversos documentos históricos sobre o tema e relatam neste documento as suas conclusões.

Um hábito que adotamos ao longo do tempo é o de avaliar com atenção as construções antigas antes de comprá-las. Os custos de restauro podem ser consideráveis já que os materiais e os procedimentos utilizados na época da construção original são difíceis e custosos para serem replicados hoje em dia.

Juntamente com o nosso filho o arquiteto Rico Araujo, fizemos uma primeira avaliação da Casa Principal, a mais antiga das seis edificações que existiam na época da aquisição. Inicialmente, com base na aparência externa e principalmente das esquadrias da casa, estimamos que fosse construída na primeira metade do século passado tendo sofrido uma ampliação na década de 1960, conforme as plantas disponíveis.

Entretanto, quando subimos ao sótão para avaliar o estado do madeiramento do telhado, verificamos com surpresa a existência de troncos brutos como peças das tesouras e pedras de grande porte aflorando no sótão em alguns pontos das paredes, principalmente nos cantos da casa que tem uma planta retangular, com telhado de quatro águas. A necessidade de uma análise mais cuidadosa se tornou evidente para que a data de construção pudesse ser realmente identificada.

A partir daí, passamos a buscar informações sobre as quatro dimensões que apresentamos a seguir, a saber, as características da Construção Civil no Brasil ao longo dos séculos XVIII e XIX, a Ocupação Territorial da região de Petrópolis, a história da Fazenda Velasco e as características da Colonização Alemã em Petrópolis, de forma que se pudesse estimar com a maior precisão possível a data de construção original da Casa Principal da Pousada Vila Brasil.

Cabe observar que a Casa em questão não se encontra tombada pelo IPHAN, nem pelo Estado do Rio de Janeiro e nem pela cidade de Petrópolis.

II. CONSTRUÇÃO CIVIL

Os trabalhos de adaptação da Casa Principal da Pousada Vila Brasil para funcionar como Casa de Festas tornou necessária a realização de novas aberturas nas paredes internas e externas. Identificamos os seguintes processos construtivos utilizados originalmente, na época da construção da Casa:

- **Localização:** a Casa Principal está situada em posição de destaque, sobre área plana, afastada de encostas, com fachada voltada para o Sul. Está localizada internamente em relação aos limites do Prazo 1201, estando a cerca de 20m da Rua Bingen, 30m do limite Oeste e 67m do limite Leste do Prazo (ver Anexo A).

- **Paredes Externas 58cm:** construídas pelo método denominado 'Taipa-de-Pilão'¹, com barro e pedras² locais, sem o uso de cimento³, espessura de parede de 58cm, exceto sob os peitoris das janelas com espessura de 31cm. As janelas possuem 'namoradeiras'. Na fachada Sul da Casa, em seu trecho central de 4,40m, a parede externa é bem mais fina com 16cm de espessura, com tijolos, indicando que deve ter sido construída posteriormente às paredes de taipa-de-pilão. O pé-direito é de 3,20 a 3.60m.

- **Alicerces 58cm:** construídos com pedras de grande, médio e pequeno porte, assentadas com barro e com a mesma espessura das paredes externas, isto é 58cm, também sem o uso de cimento.

- **Paredes internas 16cm:** construídas em armaduras da madeira Cajarana⁴, aparelhadas com enxó, com peças verticais (esteios) encavilhadas em peças longitudinais (madres, espaçadas em 1m), os espaços preenchidos com tijolos sólidos e cozidos, de cor clara, com 28x14x10cm de espessura. A ausência de cimento para fixação do emboço foi compensada com vergalhões lisos fixados horizontalmente aos esteios e emboçados com 3cm de barro. Observamos o uso de cravos (não encontramos pregos) aplicados nos esteios e nas madres para facilitar a fixação do emboço. As ombreiras das portas são formadas por esteios onde os alisares foram esculpidos.

- **Assoalhos:** pranchões de Canela Preta⁵ com 28cm de largura e 3 a 4cm de espessura, fixados por cravos, cobrem a maior parte do piso que recebeu consideráveis reparos e modificações ao longo do tempo. Sob o assoalho surge um porão baixo (cerca de 1,30m de altura), com uso de baldrames e caibros para suporte dos pranchões.

- **Forros:** lambris de Cedro em todo o teto com roda-teto. Os atuais forros provavelmente foram instalados na primeira metade do século XX. Não sabemos se a construção original teve forros na Casa mas, provavelmente, eram de esteira vegetal trançada, solução bastante utilizada no séculos XVIII e XIX.

- **Telhados:** em 4 águas, telhas tipo canal, cumieira e peças trabalhadas com enxó, muitas delas troncos de árvores em estado bruto ou com algumas faces desbastadas com serras manuais e

¹ A taipa-de-pilão é um método construtivo muito utilizado no Brasil ao longo do período colonial. Consiste em socar fortemente barro úmido entre fôrmas de madeira (taipais) até formar uma parede monolítica, depois de seca, usualmente com espessura de 40 a 80cm.

² Pedras decorrentes da consolidação do saibro, muito comuns na região de Petrópolis.

³ A primeira fábrica de cimento no Brasil foi instalada em 1926, em São Paulo. No Estado do Rio a primeira fábrica operou em 1934.

⁴ Cajarana, ou Canjerana, madeira moderadamente pesada (peso específico 690 kg/m³), cor castanha em tons claros e médios, fácil de trabalhar, resistente à umidade e insetos, usada em estruturas de móveis, esculturas e na construção civil (ripas, caibros, esteios e moirões), que ocorre principalmente na mata pluvial da encosta atlântica e em floresta de altitude. (5)

⁵ A madeira denominada por Canela tem mais de 40 variedades. O assoalho original da Casa Principal utiliza vários tipos principalmente a Canela Preta e a Canelinha.

aplainadas com enxó. Tesouras ‘verdadeiras’ com grandes pendurais, com oito escoras⁶ cada, nas extremidades da cumieira (um dos pendurais foi removido, provavelmente no século XX, para ampliação da Casa). Os beirais são fechados com cimalthas⁷, não sendo usados os suportes denominados por ‘cachorros’, típicos do século XIX.

A seguir, relatamos as orientações constantes das referências bibliográficas citadas no Anexo F deste documento e o enquadramento da Casa Principal para a sua datação, no que se refere aos aspectos da Construção Civil.

“A construção civil foi, evidentemente, a principal atividade de engenharia, durante a época colonial. Essa construção, descendente direta da construção civil que havia em Portugal, evoluiu pouco durante todo o tempo em que o Brasil foi colônia,..., tendo sido as técnicas de construção basicamente as mesmas ao longo de 250 anos”. “De um modo geral as construções residenciais foram modestas, ou até modestíssimas, e mesmo entre as construções civis administrativas foram poucos os casos de suntuosidade e de riqueza, características essas reservadas quase somente às igrejas e conventos. Esse fato é consequência, não tanto da pobreza da colônia e da população, mas principalmente da mentalidade do colono português, que mesmo rico conservava hábitos quase ascéticos em sua moradia.”(4)

Localização no lote

No período colonial, “aproveitando antigas tradições urbanísticas de Portugal, nossas vilas e cidades apresentavam ruas de aspecto uniforme, com residências construídas sobre o alinhamento das vias públicas e paredes laterais sobre os limites do terreno. Não havia meio-termo: as casas eram urbanas ou rurais (localizadas afastadas do limites do terreno), não se concebendo casas urbanas recuadas e com jardins.”(2)

Portanto, a Casa Principal apresenta características de localização de uma antiga casa rural, afastada da Rua (na época uma Picada, depois Trilha, mais tarde Estrada e hoje Rua Bingen) e dos limites laterais do terreno. Mesmo hoje, após fragmentação do prazo original⁸, a Casa dista 22m da lateral Oeste e 17m da lateral Leste dos limites do terreno e os mesmos 20m do limite Sul do Prazo 1201.

Paredes externas em Taipa-de-Pilão

No início da colonização do Brasil as técnicas indígenas eram as utilizadas para a construção das moradias. “Debaixo de um teto de sapê ou de palha de coqueiro, dormia-se em redes de algodão, o mesmo material que se usava para as redes de pesca. Posteriormente, a casa do caboclo, de pau-a-pique (taipa de mão) com paredes trançadas de galhos de carnaúba ou aroeira, revestidas com barro lançado e socado e telhados com folhas de babaçu ou pindoba, atravessou do século XVI ao XX no Brasil. Já o uso do óleo de baleia para ligar a argamassa das construções foi contribuição dos africanos. Do pau-a-pique se passou à ‘taipa-de-pilão’: técnica trazida do sul da península ibérica, que a herdou do norte da África, permitia a construção de paredes de terra socada de 50 a 80cm de espessura, protegidas das chuvas por beirais.”(1)

⁶ Uma das escoras de tronco de árvore foi removida e analisada. Trata-se de um pequeno tronco de Pau-Ferro, madeira muito pesada (peso específico 1.120 kg/m³), muito dura e resistente, com longa durabilidade, recomendada para construção civil (esteios, caibros, vigas e estacas), ocorrendo na floresta pluvial de encosta atlântica.

⁷ As cimalthas foram muito utilizadas no século XVIII na decoração externa para o acabamento dos telhados nos casarões do Brasil. Um dos exemplares mais importantes é o Paço Imperial, no Rio de Janeiro, datado de 1743.

⁸ O prazo original, quando cedido ao colono André Schweikart em 1848, tinha 5.995 braças quadradas (29.015,80 m²), hoje o lote possui 12.975,35 m².

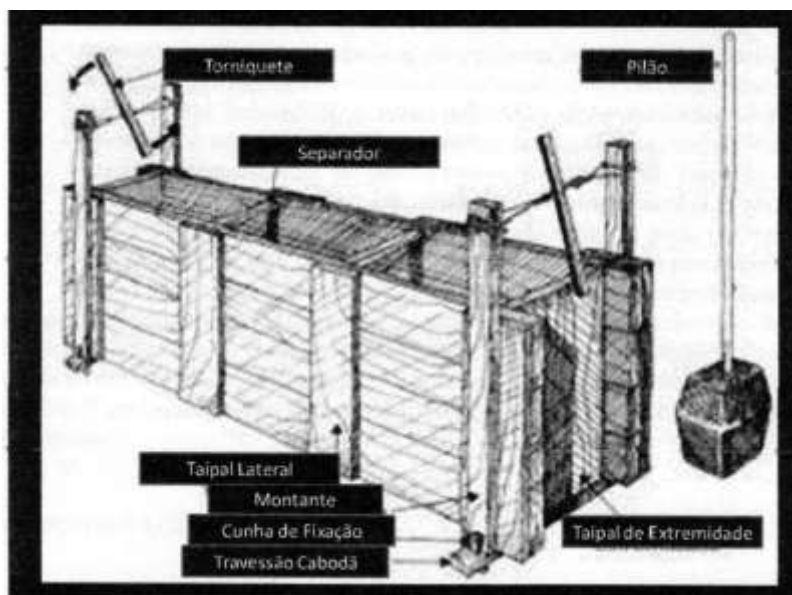


Figura 1 – Sistema tradicional de construção da ‘Taipa-de-Pilão’

No período colonial “as técnicas construtivas eram geralmente primitivas. Nos casos mais simples as paredes eram de pau-a-pique, adobe⁹ ou taipa-de-pilão. Nas residências mais importantes empregava-se pedra e barro, mais raramente tijolos ou ainda pedra e cal¹⁰. A simplicidade das técnicas denunciava claramente o primitivismo tecnológico da nossa sociedade colonial: abundância de mão-de-obra determinada pela existência do trabalho escravo, mas ausência de aperfeiçoamentos

“Ao longo dos séculos XVIII e XIX em muitas edificações rurais...foi utilizada a alvenaria de pedra socada em taipais, pau-a-pique e paredes de tijolo em armaduras de madeira. Nos edifícios de taipa, em geral, dois frechais se apóiam sobre as paredes externas, enquanto nas paredes internas apenas um era bastante para distribuir os esforços que porventura viessem incidir sobre determinado ponto”. (3)

“Nas construções coloniais são muito comuns as estruturas mistas, apresentando vários sistemas de construção; são freqüentes, por exemplo, as paredes de taipa-de-pilão, ou de adobe, assentadas sobre pilares ou arcadas de alvenaria de pedra, ou ainda prédios em que o primeiro pavimento é de alvenaria de pedra e os pavimentos superiores são de taipa”. (4)

“A segunda metade do século XIX é marcada pelo fim do trabalho escravo e pelo início da imigração, da instalação de ferrovias e de indústrias. As mudanças sócio-econômicas e tecnológicas ocorridas durante a segunda metade do século XIX implicaram, no Brasil, profundas modificações nos modos de habitar e de construir. As novas condições de transporte, criadas com a instalação de ferrovias e linhas de navegação fluvial, vieram a permitir o aparecimento de um fenômeno completamente novo na arquitetura: os edifícios importados, produzidos pela indústria. Alguns de metal.....A grande maioria dos edifícios importados era porém de madeira, comumente pinho-de-riga¹¹.” (2)

⁹ Tijolo medieval feito de solo argiloso, misturado com água e amassado com os pés, colocado em formas e secado ao sol por 10 dias.

¹⁰ A cal era obtida pela moagem de conchas, por isso muito aplicada nas regiões litorâneas assim como óleo de baleia. Muitas construções usavam 20% de cal na ‘taipa de pilão’.

¹¹ Madeira da família dos ‘pinus’, importada da região de Riga, noroeste da Europa.



A técnica utilizada na construção das paredes externas da Casa Principal foi a de taipa-de-pilão, aplicada com barro, cal e pedras locais, conforme pode ser observado nos testemunhos deixados pelos atuais proprietários nas grossas paredes da fachada original Norte (ver figura ao lado). Pelo menos um frechal está instalado sobre as paredes externas e internas.

Paredes internas, mais leves

“...nas construções mais velhas, peças de madeira, situadas no interior das paredes, em sentido longitudinal, a intervalos que variam de 60cm a 1metro. Como indício seguro de longevidade pode-se dizer da solução dada ao problema de completar a espessura das paredes, em seguida aos batentes das portas e janelas. Já neste último detalhe os tipos de arquitetura residencial da primeira época (até fins do século XVII) apresentam uma peculiaridade que os distingue dos mais novos: é o fato de aproveitarem as peças longitudinais de madeira (madres), que as taipas mais antigas apresentam, para delas ligar as tábuas necessárias a esse acabamento (ombreiras, vergas e alisares)”. (3)



As paredes internas apresentam uma das técnicas de construção típica do período colonial: estruturas mais leves com tijolos em armaduras de madeira, com cravos para facilitar a fixação do emboço em barro, utilização de serras manuais e de enxó para aparelhamento das peças em madeira, e sem uso de cimento. O uso de peças de madeira longitudinais (madres) espaçadas de 1m e encavilhadas nos esteios, bem como a escultura de alisares nos esteios que funcionam como ombreiras das portas internas, indicando uma construção mais antiga no período colonial. Observar o testemunho deixado em uma das paredes internas e as amostras de ‘madres’ coletadas para identificação da madeira utilizada (ver figura ao lado).

Pisos

“É, também notável, o acerto da escolha da qualidade da madeira mais empregada nestas construções: a canela preta. Foi de modo absoluto, preferida para a generalidade dos trabalhos de madeira. Em construções mais recentes (séculos XVIII e XIX) num tempo que já devia escassear a canela preta nessa região, o uso do angico, da peroba, etc. se fez com bastante assiduidade, com prejuízo evidente para a resistência e durabilidade das construções, como pode ser provado pelo estado de ruína em que se encontram atualmente. Nos exemplares mais tardios destas residências, já não se encontra o emprego exclusivo da canela preta, madeira que, pela sua excelência, foi desde logo preferida para construção bandeirista. A sua falta

obriga-o à alternativa da peroba, da arindiúva, da maçaranduba e de variedades mais frágeis e menos prestigiosas. No século XVIII, rareava a madeira preferida: a canela preta...”.(3)

O Piso da Casa Principal da Vila Brasil segue os padrões dos pisos das casas dos séculos XVIII até a metade do século XIX: assoalho em pranchões de canela preta e canelinha, com largura de 28cm e espessura de cerca de 3cm, instalados com ‘junta-seca’¹², fixados por cravos nos caibros, por sua vez apoiados em baldrames. Posteriormente, cerca de 20% do Piso foi trocado por tábuas mais estreitas e mais finas de ipê-tabaco. Cabe ainda observar que a utilização de cravos caracteriza as construções até o século XIX. Observar a amostra de pranchão coletada para identificação da madeira utilizada.

Telhado

Com relação aos telhados do período colonial, “as peças grandes eram toscamente esquadrejadas e as peças menores eram em geral simples paus roliços”. (4)

A utilização de telhado retangular de quatro águas com cobertura de telhas de canal, o uso de troncos em bruto ou falquejado nas tesouras do telhado e a adoção de cimalkas para o acabamento do telhado indicam a natureza da Casa como do período colonial do Brasil. Observar amostra de uma escora do telhado coletada para identificação da madeira utilizada.

Planta baixa

“As características marcantes da construção rural no período colonial são a adoção de planta retangular, paredes em taipa e telhado em quatro águas. Não deve ser esquecida que a própria preferência clássica pelas paredes de taipa-de-pilão, regionalizada planalto acima (o autor refere-se à região do planalto paulista), em contraposição ao uso de paredes de pedra e cal a que cedo ganharam indiscutível predominância no litoral – representava também uma libertação de possíveis elos econômicos com a Marinha abastecida de cal, cujo uso serra acima só bem mais tarde se verifica. De um modo geral assim se poderia presumir o programa tipo da residência dos fazendeiros seiscentistas (século XVII):

1. Inteira separação da família e trabalho;
2. Criação de uma faixa composta de alpendre-capela-quarto de hóspedes;
3. Residência familiar.

Em conseqüência do partido adotado, surge o esquema construtivo:

- a. Escolha de plataforma plana;
- b. Desenvolvimento de planta dentro de um retângulo;
- c. Paredes de taipa, constituindo ao mesmo tempo vedação e estrutura;
- d. Aproveitamento de forros (quando existentes) de quartos para compartimentos de uso variável;
- e. Telhado de quatro águas com cobertura de telhas de canal;
- f. Separação de família e os demais, por intermédio de uma faixa onde ficam a capela, quarto de hóspedes e alpendre;
- g. Desenvolvimento da parte da família em torno de uma sala”. (3)

“A planta variava pouco: as casas tinham ampla sala rodeada de quartos. À frente um alpendre com dois cômodos de cada lado: uma capela particular e um quarto para hóspede de passagem.

¹² Neste tipo de junta os pranchões são instalados encostados lateralmente, sem encaixes, daí o nome ‘junta-seca’. Na época, ainda não existiam ferramentas ou máquinas para a feitura de encaixes tipo ‘macho-fêmea’ que depois vieram a ser comuns na instalação de pisos com pranchões.

O alpendre, além de afastar o calor em regiões quentes, filtrava o mundo exterior. O que interessava à família estava dentro de casa. Na varanda, ficavam os visitantes, escravos e desconhecidos. Era lugar de lazer, observação e troca.” (1)

Apresentamos, a seguir, a planta da chamada ‘Casa Bandeirista’ construída com ‘taipa-de-pilão’, conforme muitas Igrejas, Fortificações, Muralhas e Residências, típicas do período das ‘Entradas e Bandeiras’ (séculos XVI e XVII). “ ...se percebe a elaboração das três instancias materializadas na obra em estratos horizontais: a social com a presença da capela, alpendre e quarto de hóspedes; o íntimo com a sala central e quartos e por fim, os espaços destinados aos serviços”.(19)

A semelhança com a planta da Casa Principal da Pousada Vila Brasil é notória.

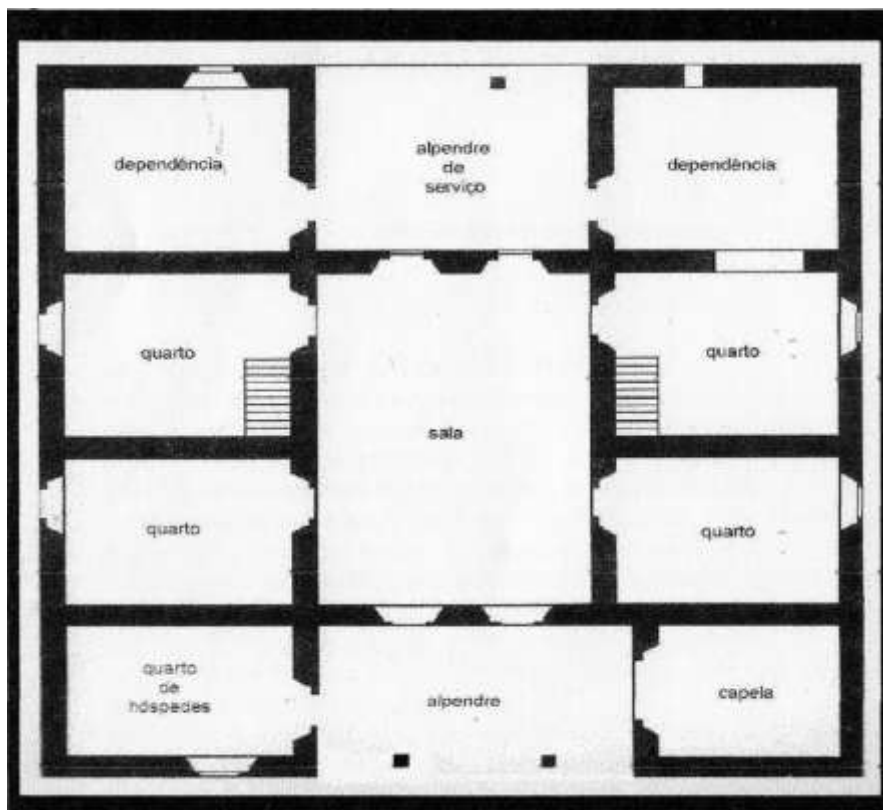
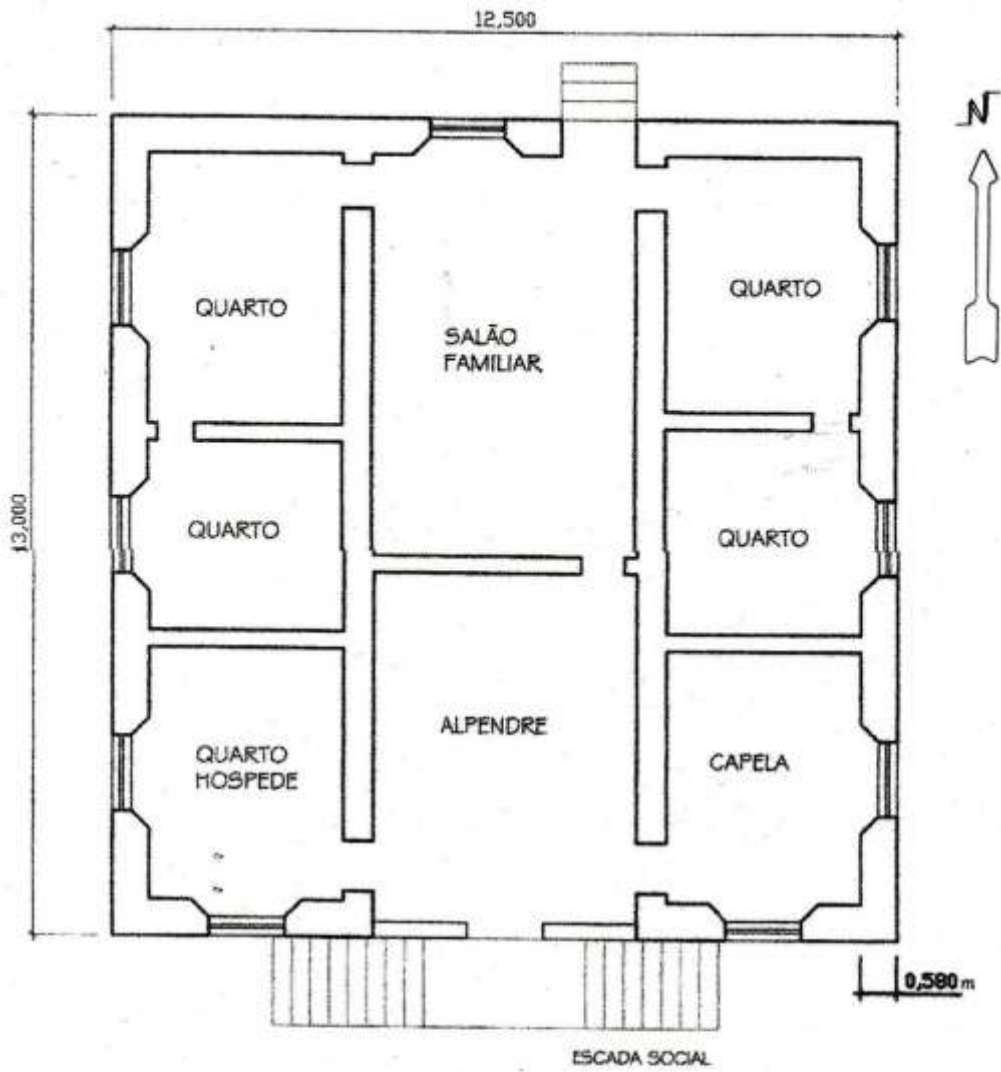


Figura 2 - Casa Bandeirista

Na página seguinte apresentamos a provável planta original da Casa Principal, considerando as observações realizadas e as informações dos trabalhos de Luis Saia, Mary Del Priore, Nestor Goulart, Silmara Dias Feiber e Pedro Carlos da Silva Teles, relacionados no Anexo F. Deve-se destacar a ausência dos banheiros e da cozinha na Casa Principal¹³. Pelos hábitos da época, deduzimos que o banheiro deveria estar localizado sobre a margem do Rio Piabanha, próximo e ao sul da Casa, enquanto a cozinha deveria ficar junto à senzala dos escravos, provavelmente onde se encontra a hoje denominada Casa de Festas ou Casa 02, bem próxima da Casa Principal.

¹³ Tanto os banheiros quanto a cozinha foram construídos na Casa Principal pelos proprietários anteriores ao atual; este último os removeu, para que a Casa fosse adaptada para funcionar como Casa de Eventos.



VILA BRASIL
CASA PRINCIPAL
PLANTA BAIXA ORIGINAL

ESCALA 1:100
ÁREA: 162,50m²

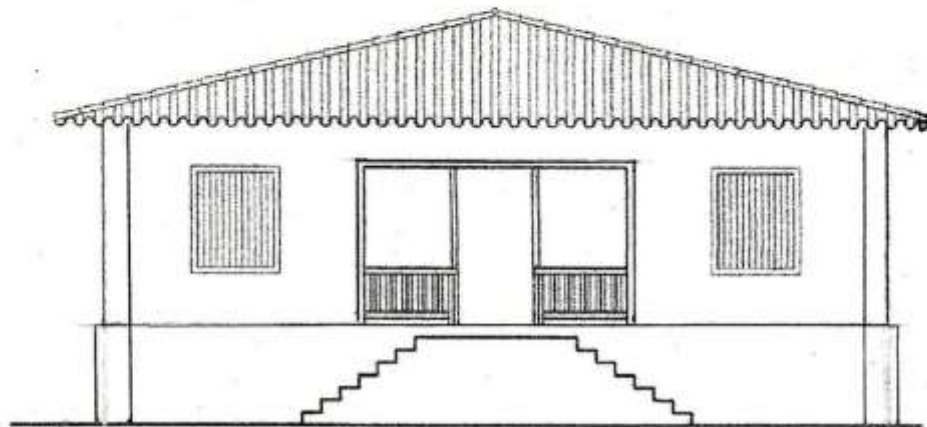


Figura 3 - Planta e Fachada Originais

III. OCUPAÇÃO TERRITORIAL

“A primeira notícia que se teria a propósito do local onde hoje existe a cidade de Petrópolis, data de 1531. Foi quando os quatro homens da expedição de Martim Afonso de Sousa, ancorada no porto do Rio de Janeiro, em exploração pelo sertão durante dois meses, andaram pela Serra da Estrela de onde levaram muito cristal.” (18)

No século XVI, logo após o descobrimento do Brasil, as terras onde hoje se encontra a cidade de Petrópolis eram ocupadas pelos índios Coroados¹⁴, da nação Aimoré, conhecidas como terras do ‘Sertão dos Índios Coroados’. O território era subordinado à Vila de Nossa Senhora da Piedade de Inhomirim, de acordo com o regime de Capitânicas definido pela Corte de Portugal.

“A concessão de sesmarias nas margens da Baía de Guanabara, começada em 1565, atirara os portugueses até as fraldas da Serra do Mar. É possível, então, anotar sesmarias pelo Rio Magé; pelo Rio Iguaçú; pelo sertão do Rio Suruí; pelo Rio Iriú, saído da Serra dos Órgãos; pelos rios Saracuruna, Meriti, Guapi, Capivari e outros rios oriundos da serra raiana dessa baixada fluminense. Mesmo quando as doações de sesmarias despregavam-se da (Baía de) Guanabara, elas permaneciam avançando pelas litorâneas fluminenses, tais como as doações no Rio Guaxindiba e em Saquarema, ou nas bandas além de Cabo Frio e entre Itaipu e a Lagoa de Maricá.....As demarcações dessas sesmarias, eventualmente, penetravam serra acima¹⁵; porém, isso não significava efetivo desbravamento dessa banda de serra do mar; pois esta permanecia como estremadura assustadora¹⁶ e limitante do recôncavo da Guanabara até a aparição e fortalecimento dos motivos mineiros para a sua travessia e apropriação”. (6)



Figura 4 – Índios Coroados
Debret

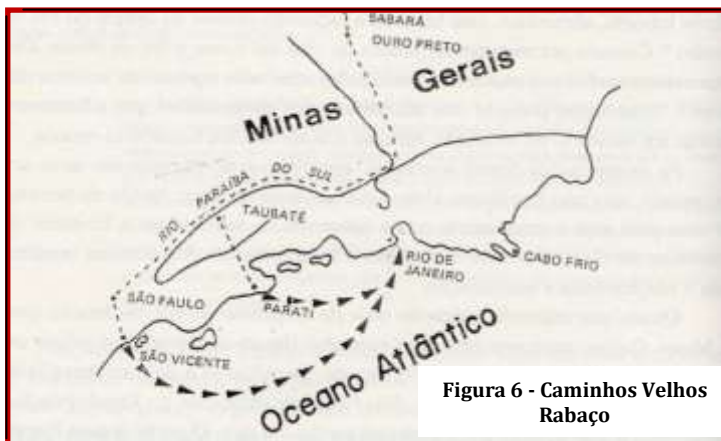
¹⁴ Assim chamados pelo hábito de cortarem os cabelos do topo da cabeça, aparentando usar uma coroa.

¹⁵ As mais antigas concessões de terras próximas à região de Petrópolis datam de 1686, por doação de sesmarias na subida da Serra da Estrela para Francisco de Matos Filgueira e João Matos de Souza e outra sesmaria ‘serra-acima’ no sertão do Rio Inhomirim para João da Silveira Garcês e Gonçalo Fernandes Pires.

¹⁶ Como podemos avaliar pela descrição do século XVII do Padre Simões de Vasconcellos: “Pelo terreno vai rodeando toda a Baía e o recôncavo do Rio de Janeiro, aquela espantosa serra, que já por vezes temos dito corre a costa toda: e com a parte dela mais áspera, chamada a montanha dos órgãos (porque à maneira daqueles instrumentos vão levantando em ordem desigual montes sobre montes, fazendo a altura imensa, que excede as nuvens, e chega parecer a segunda região do ar), representam aqueles grandes montes muralhas ou torres formidáveis.....” (6). Na verdade, a maior dificuldade não era o vencimento das serras e suas altas montanhas, mas a floresta: enorme, densa, úmida, elevada, com perigosas travessias de rios, animais e insetos.



**Figura 5 – Floresta Virgem
Rugendas**



**Figura 6 - Caminhos Velhos
Rabaço**

“Quem, por exemplo, saísse da sede da Capitania do Rio de Janeiro para as Minas Gerais¹⁷, percorria primitivo caminho que exigia um deslocamento marítimo do porto do Rio de Janeiro até São Vicente e daí, por terra firme – pelo Caminho Velho – buscando São Paulo,...o Rio Paraíba do Sul..., transpondo a Mantiqueira, em direção ao sertão mineiro...Esse caminho primitivo veio adiante ser encurtado, pois foi aberta uma variante entre Taubaté e o porto de Parati, como registra a Figura 6”¹⁸(6).

Em 1717 podia-se encontrar mais de 1.000 animais tropeiros ao longo do Caminho Velho.

“Pela primeira vez desde o começo de minha estada no Brasil, dormi em um rancho. Dá-se esse nome a alpendres mais ou menos vastos destinados a abrigar os viajantes e suas bagagens....São os habitantes, cujas terras estão próximas à estrada que o fazem construir. Não se paga hospedagem, mas ao pé do rancho há uma venda em que o proprietário vende o milho que serve de alimento aos animais itinerantes; indeniza-se, assim, amplamente da despesa que fez para levantar o rancho, e citaram-me o nome de proprietários que possuem até cinco ranchos à beira da estrada.”(9)

¹⁷ O ouro foi descoberto em Minas Gerais na década de 1690. No século XVIII a produção de ouro em Minas alcançava a média de 4,4 t/ano, isto é pelo caminho Minas Gerais-Rio de Janeiro eram transportados cerca de 12 kg/dia, equivalentes hoje a R\$ 1.600.000,00 diários.

¹⁸ Em 1700 uma viagem do Rio de Janeiro até o destino em Rio das Velhas (Ouro Preto), pelo Caminho Velho, durava cerca de 90 dias.



**Figura 7 – Tropeiros descansando em um rancho
Rugendas**

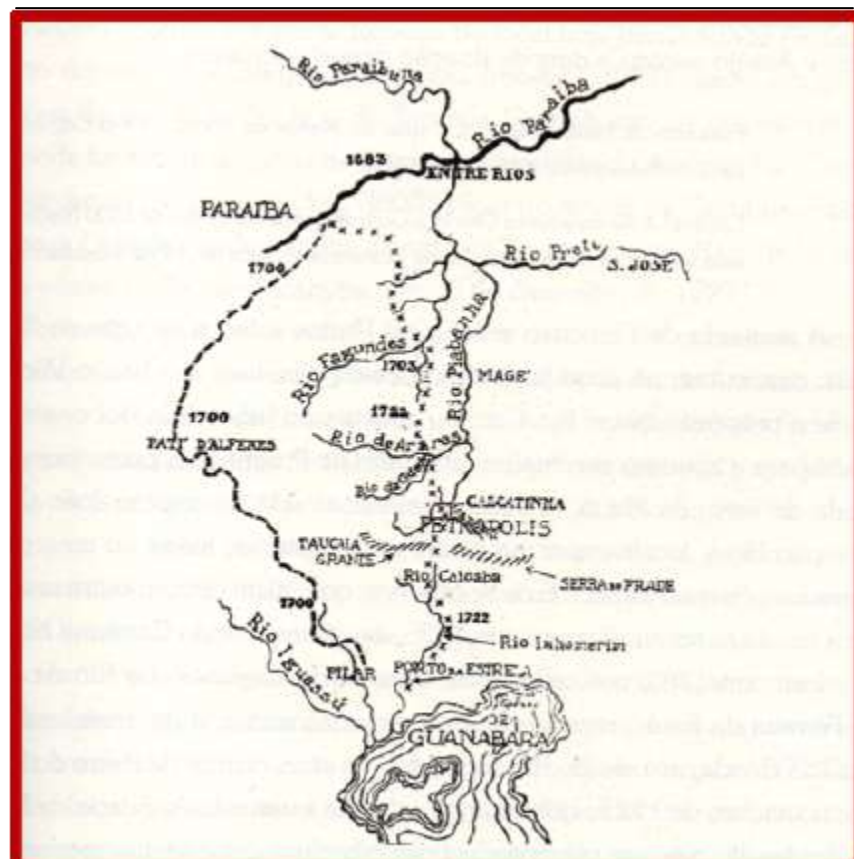
“Dá-se o nome de tropeiros aos homens que conduzem as caravanas de burros (obs.: na verdade eram mulas e alguns cavalos) destinadas a empreender essas viagens e outras semelhantes. As tropas são divididas em lotes de sete (obs.: sete a dez) animais, e cada um é confiado à guarda de um negro ou mulato que, caminhando na retaguarda dos cargueiros, os incita por meio de gritos ou por um assobio bastante brando. Costuma-se carregar cada besta com oito arrobas (cerca de 120 quilos), e para não ferí-los, iguala-se a carga com muito cuidado (obs.: lateralmente em dois alforjes de couro denominados por bruacas).”(9)



**Figura 8 – Tropeiros e a Serra dos Órgãos
Rugendas**

Com o objetivo de encurtar a distancia do Rio de Janeiro e as regiões produtoras de ouro em Minas Gerais, em 1699, a 'muralla da Serra do Mar' foi finalmente vencida por Garcia Rodrigues Paes¹⁹. O denominado Caminho-Novo foi aberto. O percurso começava no Rio de Janeiro, partindo do Cais dos Mineiros (atual Praça XV); contornando a Ilha do Governador e cruzando a Baía da Guanabara, ao longo de sete a oito horas ; acessando o Rio Iguaçu e em seguida seu afluente o Rio Pilar. A partir daí, do Porto de Pilar, em terra a pé, de mula ou a cavalo, na direção Norte, passando por Manuel do Couto, Marcos da Costa, Roça do Alferes (Paty); passando pelos distritos de Pau Grande (Avelar), Cabaru e Ubá, até atingir o Rio Paraíba do Sul, onde havia um dos Registros para a fiscalização colonial, e o Rio Paraíba; passando por Juiz de Fora e Barbacena; e seguindo então pelo antigo caminho até Minas Gerais. Este novo caminho reduziu a viagem de cerca de 90 dias para 45 dias do Rio de Janeiro até as regiões auríferas de Vila Rica, atual Ouro Preto, em Minas Gerais. Com a consolidação do Caminho Novo, ocorreram diversas transformações. O Porto de Pilar não exportava apenas ouro de Minas, mas também alimentos (feijão e milho), cerâmica e aguardente, produzidos na baixada. Um dos Registros informou que em média, diariamente, passavam pelo Caminho 153 mulas e 77 pessoas.

Entretanto, o Caminho Novo de Garcia Paes era penoso. Seguia quase sempre pelo cume das serras, em lugar de margear os rios e seguir as trilhas feitas pelos índios.



**Figura 9 – Novos Caminhos
Schætte**

¹⁹ Garcia Rodrigues Paes, filho do 'Caçador de Esmeraldas' Fernão Dias Pais Leme.

Bernardo Soares de Proença, sargento-mor e rico fazendeiro da região, se propôs a abrir uma nova subida da Serra por uma antiga trilha de índios em sua fazenda. Em 1725 Bernardo Proença abriu uma variante, conhecida como Variante ou Atalho do Caminho-Novo²⁰, reduzindo ainda mais a viagem (em cerca de 4 dias) além de constituir uma caminhada mais suave, descrita a seguir no sentido inverso de Minas Gerais para o Rio de Janeiro: “Cruzando o vale do Rio Piabanha para atingir o Porto da Estrela²¹, no Rio Inhomirim, no fundo da Baía de Guanabara (onde hoje é a Praia de Mauá), atravessava esse atalho de Bernardo Proença as terras que, adiante, fariam parte da cidade de Petrópolis” (6).



**Figura 10- Praia dos Mineiros
Rugendas**

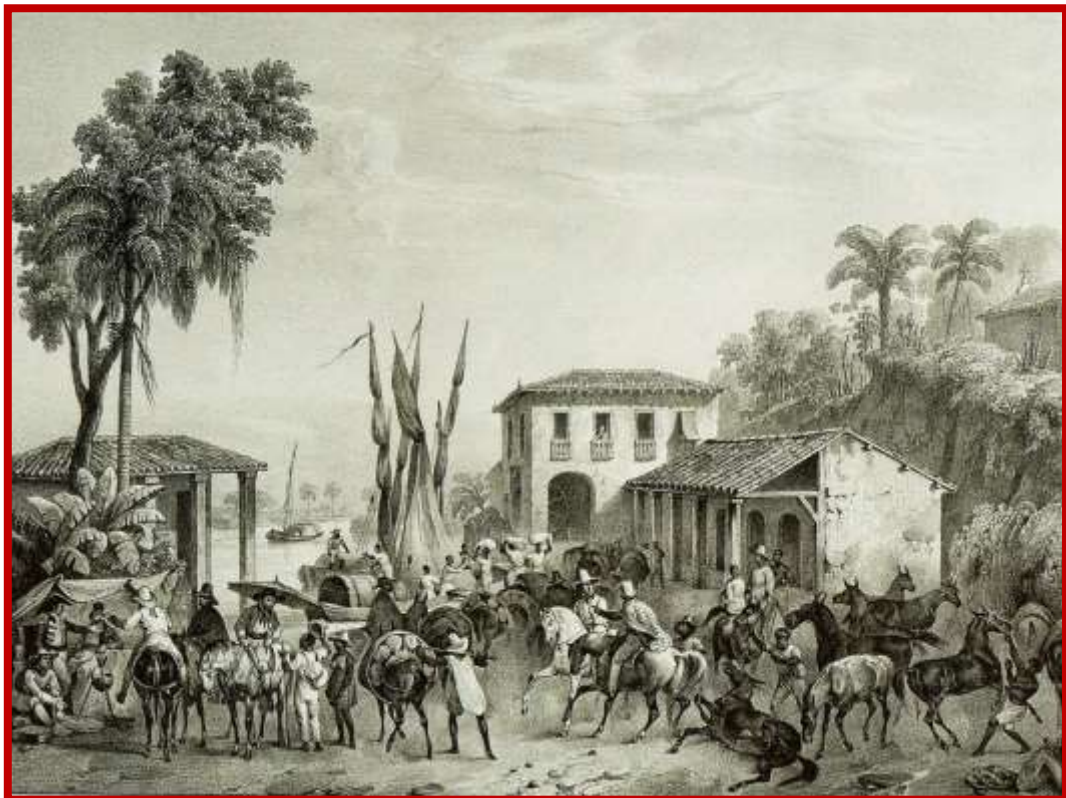
Os viajantes da Variante (ou Atalho) do Caminho-Novo de Bernardo Proença, embarcavam em barcos a vela (Faluas) no Cais do Rio de Janeiro (Praia dos Mineiros, hoje Praça XV) passando entre as ilhas do Governador e Paquetá, alcançando o fundo da Baía, subindo pelo Rio Inhomirim e desembarcando no Porto da Estrela. O trecho marítimo levava cerca de 7 horas em condições de tempo favorável e sempre saindo ao meio-dia, quando começava a viração do mar.

²⁰ A Variante do Caminho Novo também era chamado de Caminho Real das Minas Gerais, Caminho dos Mineiros, Caminho do Ouro ou ainda Caminho da Serra da Estrela. Este ultimo nome decorre do “planeta Venus, brilhante astro vespertino que desponta sobre a região serrana logo que o sol se põe e que era importante marco de orientação noturna para os viajantes, principalmente no percurso marítimo...” (15).

²¹ Porto da Estrela, hoje pertencente ao município de Magé.



**Figura 11 - Embocadura do Rio Inhomirim
Rugendas**

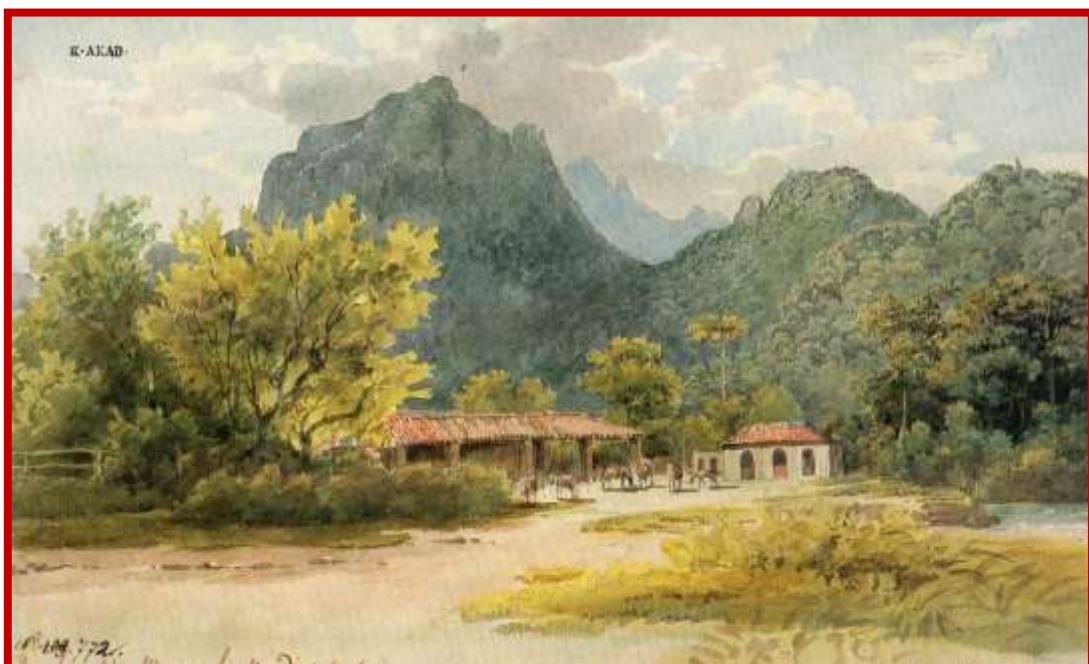


**Figura 12 - Porto da Estrella
Rugendas**

Subindo a Serra da Estrela, a pé ou no lombo de mulas, até alcançar o cume no atual Bairro Alto da Serra em Petrópolis (cerca de 5 horas, com tempo seco); em seguida descendo pelo curso do Córrego Seco²², afluente do Rio Piabanha; passando pela futura região do Centro de Petrópolis em direção ao Itamarati; cruzando o Rio Piabanha em direção ao atual Bairro Carangola; alcançando e cruzando em seguida o Rio da Cidade²³ e o sopé do pico de Maria Comprida, hoje na região de Araras; passando então pelas quadras de Das Pedras e de Secretário, atravessando o Rio Fagundes e atingindo o Rio Paraíba do Sul; descendo pelo curso do Paraíba até atingir o Rio Paraibuna onde uma Casa de Registro recolhia o ‘quinto real’²⁴; e seguindo a partir daí o Caminho Velho até Minas Gerais (Figura 18).

“Por ali circulava não apenas o produto material das minas, destinado aos porões dos navios que a Corte demandava, mas também, no sentido inverso, o combustível indispensável à manutenção da máquina mineradora: o sal, a pólvora e o escravo (21)”.

Normalmente os pernites ocorriam em três locais: Fazenda da Mandioca na subida da Serra; Fazenda do Padre Correa no atual bairro de Corrêas; e Fazenda do Secretário na atual região de Secretário.



**Figura 13 – Rancho da Fazenda da Mandioca
Thomas Ender**

²² O Córrego Seco, hoje denominado por Rio Palatino, nasce no Bairro do Morin (antigo Quarteirão Palatinado Superior), fronteiro ao Bairro Alto da Serra, tem seu curso até o atual Centro de Petrópolis, onde se encontra com o Rio Quitandinha, assim formando o Rio Piabanha.

²³ O Rio da Cidade, na verdade passa apenas por bairros de Petrópolis. No século XVI incursões de portugueses na região toparam com uma aldeia dos ferozes índios Coroados à beira do rio (onde hoje é o Bairro da Fazenda Inglesa), com um grande número de habitantes. Os portugueses acharam que era uma ‘verdadeira cidade’, daí o nome do rio até hoje. A tribo desapareceu no século XVIII.

²⁴ A Casa de Registro de Paraibuna recolhia o ‘quinto’ do ouro, isto é, 20% do ouro para a Coroa Portuguesa. O imposto era vulgarmente chamado de ‘quinto dos infernos’.



Posteriormente, em 1808, D. João VI determinou o calçamento da Variante do Caminho Novo que ficou conhecida como o 'Caminho das Lajes Soltas de D. João VI'. O Caminho existe até hoje, com calçamento parcial em paralelepípedos, acessível ao final do Bairro Alto da Serra (ver foto ao lado).

A ocupação do território onde hoje se situa a cidade de Petrópolis começou com a outorga da denominada Sesmaria Itamarati (em Tupi, 'pedra brilhante') para Bernardo Soares de Proença, requerida em 11 de novembro de 1721. A sesmaria tinha 3.000 x 3.000 braças (6.600 x 6.600 m) e abrangia o que hoje é o primeiro (Centro de Petrópolis) e o segundo (Bairro Cascatinha) Distritos de Petrópolis.

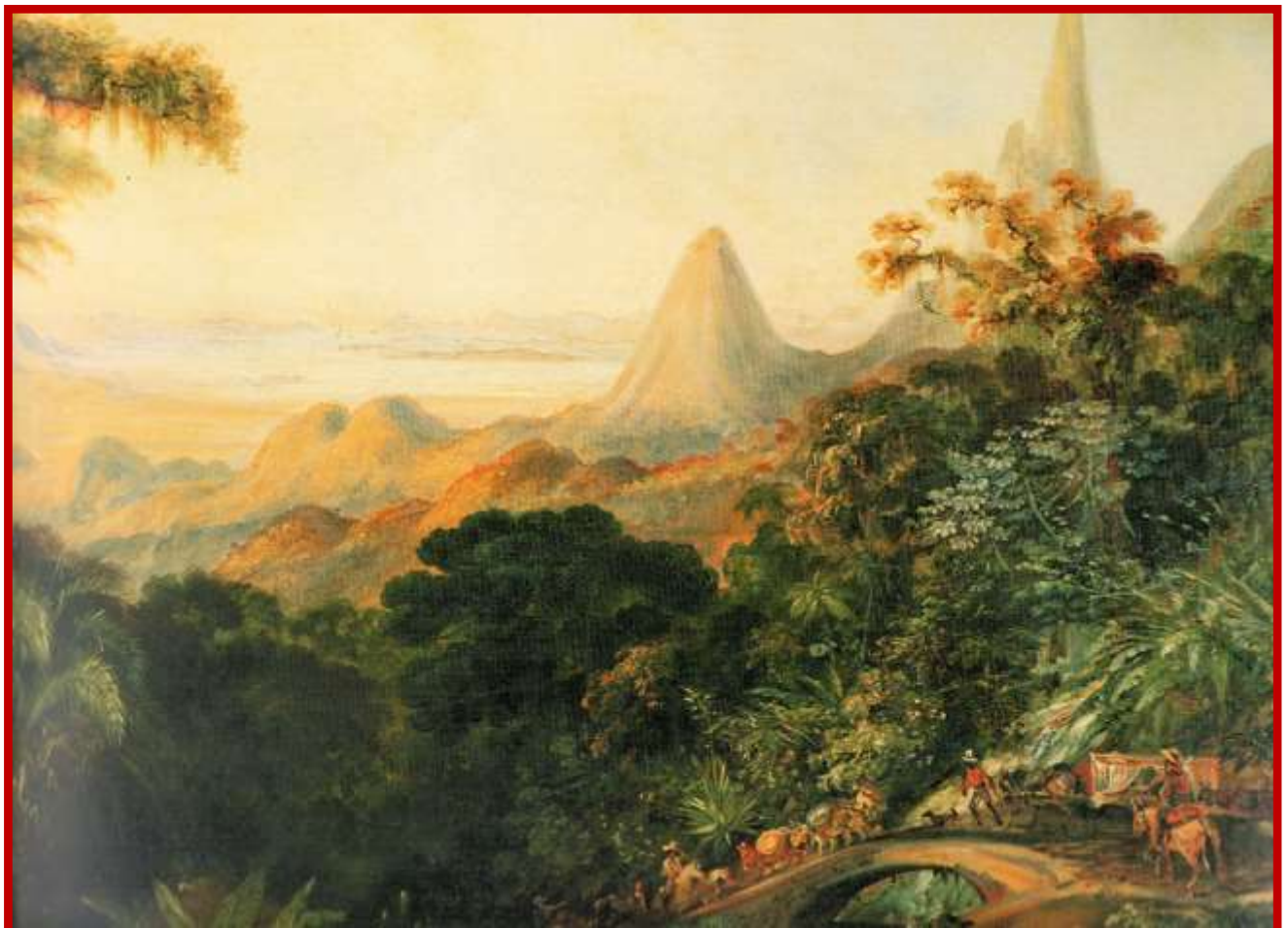


Figura 14 - Vista da Guanabara desde o Alto da Serra Rugendas

Cabe observar que na época da concessão da sesmaria em agradecimento à realização de Bernardo Proença ao abrir o Atalho do Caminho Novo à suas custas, já existiam três sesmarias concedidas no entorno da Sesmaria Itamarati: ao norte a Sesmaria de Garcia Rodrigues Pais que se fixou às margens do Rio Paraíba do Sul em 1686; ao sul a Sesmaria de Francisco de Mattos Filgueira e de João de Mattos no Rio Cayoaba, afluente do Rio Inhomirim, com terras subindo a serra até onde hoje se encontra o atual Bairro Vila Filipe no Alto da Serra, também outorgado em 1686; e finalmente a Sesmaria de José Ferreira da Fonte no vale do Rio Fagundes, no atual distrito de Pedro do Rio, outorgada em 1703. (6) A partir de 1721 e até 1762 outras 30 sesmarias foram concedidas dentro de Quadras demarcadas na região do atual município de Petrópolis, com o objetivo de zelar pela conservação do Atalho do Caminho-Novo, garantindo o escoamento do ouro de Minas Gerais até o porto do Rio de Janeiro. Segundo as pesquisas de Julio Ambrozio (6) a população serra-acima em 1736 alcançava 22 moradias e 343 pessoas, dedicadas ao fornecimento de hospedagem, alimento e apoio aos viajantes, tropeiros e seus animais, além de serviços de estiva para a travessia de rios em canoas ou barcaças e a manutenção de pontes. (Figura 15)



**Figura 15 – Quadras ao longo do Piabanha
Schaeete**

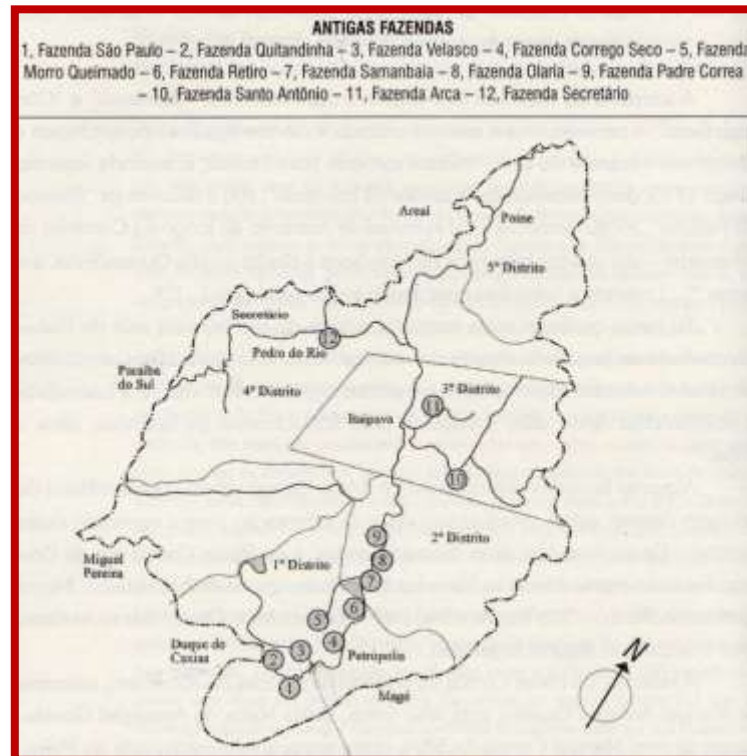
As terras de quadras ou de sesmarias podiam ser divididas, por herança ou por venda, intensificando a ocupação do vale do Piabanha através da formação de fazendas, ranchos, sítios e roças.

“Algumas fazendas conformariam o futuro espaço urbano petropolitano, enquanto outras propiciariam eixos de orientação para a expansão desse território..... Muitas fazendas surgiram do mesmo padrão legal sesmeiro, isto é, por meio de carta de doação, com área medida por léguas. A fazenda, sucessora da sesmaria, sendo um segundo tipo de propriedade latifundiária, nomeava terras destinadas..... à criação....de gado e ou lavoura...”(6).

Doze fazendas foram formadas ao longo do curso do Rio Piabanha e dos seus afluentes, a saber, Córrego Seco²⁵, Padre Correa, Samambaia, São Paulo, Quitandinha, Morro Queimado, Retiro (São Tomás e São Luiz), Olaria de Colares, Santo Antonio, Arca de Noé, Secretário e a Fazenda Velasco (Figura 16). Esta última seria a região de ocupação de diversos bairros petropolitanos entre eles o Bingen.

²⁵ A sede da Fazenda do Córrego Seco se localizava onde hoje está o Ed. Pio XII na Rua Marechal Deodoro, no Centro Histórico de Petrópolis.

Com o objetivo de servir aos tropeiros e aos viajantes, além de hospedagem, as fazendas ofereciam produtos tais como alimentos (carnes de boi, galinha, pato e porco; mandioca, arroz, batata, cana de açúcar, rapadura, leite, café, milho, farinha e hortaliças), frutas (banana, pêsego, figo, maçã, cereja, marmelo, jabuticaba e uva), algodão, fumo de rolo, cachaça e serviços de ferreiro, principalmente ferraduras. O Atalho do Caminho Novo hoje faz parte da denominada 'Estrada Real'.



**Figura 16 – Antigas Fazendas ‘Serra-Acima’
Fundrem**

As pesquisas realizadas por Júlio Abrozio (6) indicam a existência, na época, de caminhos alternativos à passagem pelo Córrego Seco.

Um deles, denominado Caminho da Taquara ou Estrada da Taquara: subindo a Serra da Estrela; inclinando na direção oeste e atingindo o cume na região do atual bairro da Taquara; descendo o curso do Rio Cremerie (ou seja, pela atual Rua João Carlos) até atingir o Rio Quitandinha e seguindo seu curso (ou seja, pela Rua Coronel Veiga), passando pela atual região de Ponte Fones até alcançar a região da Duas Pontes, onde subindo à esquerda pelo hoje Bairro Valparaíso via ruas Gonçalves Dias, Abreu Lima, Capitão Agostini e até a Rua Expedicionários na região do hoje Batalhão D. Pedro II; descendo até a atual Rua Bingen e seguindo pelas ruas Duarte da Silveira e Luis Winter, até atingir a picada para Paty do Alferes, hoje na Rodovia BR-040.

“...é de supor, ademais, que a partir das Duas Pontes, acompanhando o Rio Quitandinha, um pequeno trecho alternativo da Estrada da Taquara, hoje Rua Washington Luis, alcançaria a sede da Fazenda do Córrego Seco, na atual Rua Marechal Deodoro, centro de Petrópolis (6)”.

Outro caminho alternativo, conhecido como Atalho do Caminho do Sardeal: começava na baixada na interseção da picada, que ligava as Freguesias de N.Sra. do Pilar com a N.Sra. da Piedade de Inhomirim, e do Rio Taquara, subindo pelas margens desse Rio, pela Serra do Mar, chegando ao sul da Sesmaria Távora/Velasco, onde mais tarde se formaria a Fazenda Quitandinha, cruzando as Sesmarias Távora/Velasco e Martins, a partir daí, passando pelas vertentes do Rio Fagundes

(terras do Sardeal) e seguindo pela Variante do Caminho Novo. Ao longo desse percurso desenvolveu-se um tráfego significativo.

“Desde o fim do século XVIII, existia uma ligação entre o Porto do Pilar e a Estrada da Taquara; o ponto de ligação situava-se entre a Fazenda São Paulo²⁶ e a Fazenda da Taquara; desse modo, a Estrada da Taquara apontava aos viajantes a alternativa do Porto de Pilar (no Caminho Novo, isto é, nas margens do Rio Pilar, afluente do Rio Iguaçu) ou do Posto da Estrela (no Atalho do Caminho Novo, isto é, nas margens do Rio Inhomirim), dependendo da vantagem e/ou do estado dos caminhos, servindo ainda essa estrada às prováveis fazendas que iam se localizando no percurso. Pela Estrada da Taquara, portanto, muito tropeiro viajaria; sendo possível inferir, então, a existência obrigatória de eventuais pousos e habitações em seu trajeto; itinerário que não tocava sede ou o caminho principal que seguia o vale do Córrego Seco, mas cruzava outras áreas do futuro primeiro distrito de Petrópolis”. (6)

“Outras estradas públicas existiam ainda: a que escalava as nossas alturas pela Serra da Taquara, em chegando ao sítio já então denominado Duas Pontes, dirigia-se ao Bingen e ao Inglês (atual Fazenda Inglesa)”. (11)

Dessa maneira, desde o final do século XVIII, ao longo da atual Rua Bingen, inclusive no trecho pertencente à Fazenda Velasco, já era objeto de intensa passagem de tropeiros e viajantes, sendo muito provável já a existência de fazendas ou ranchos prestadores de serviços de hospedagem, ferraria e alimentação aos passantes. A localização da Fazenda Velasco permitia acesso por passantes indo ou vindo de: Variante do Caminho Novo, Estrada da Taquara, Ligação Pilar-Estrela, Picada para Paty e Caminho do Sardeal (Figura 18).



**Figura 17 – Fazendeiro em Família
Rugendas**

²⁶ A sede da Fazenda São Paulo, que hoje é o Museu e Parque Histórico Nacional Duque de Caxias, distava dois quilômetros da Fazenda da Taquara (6).

Caminho Novo e sua Variante

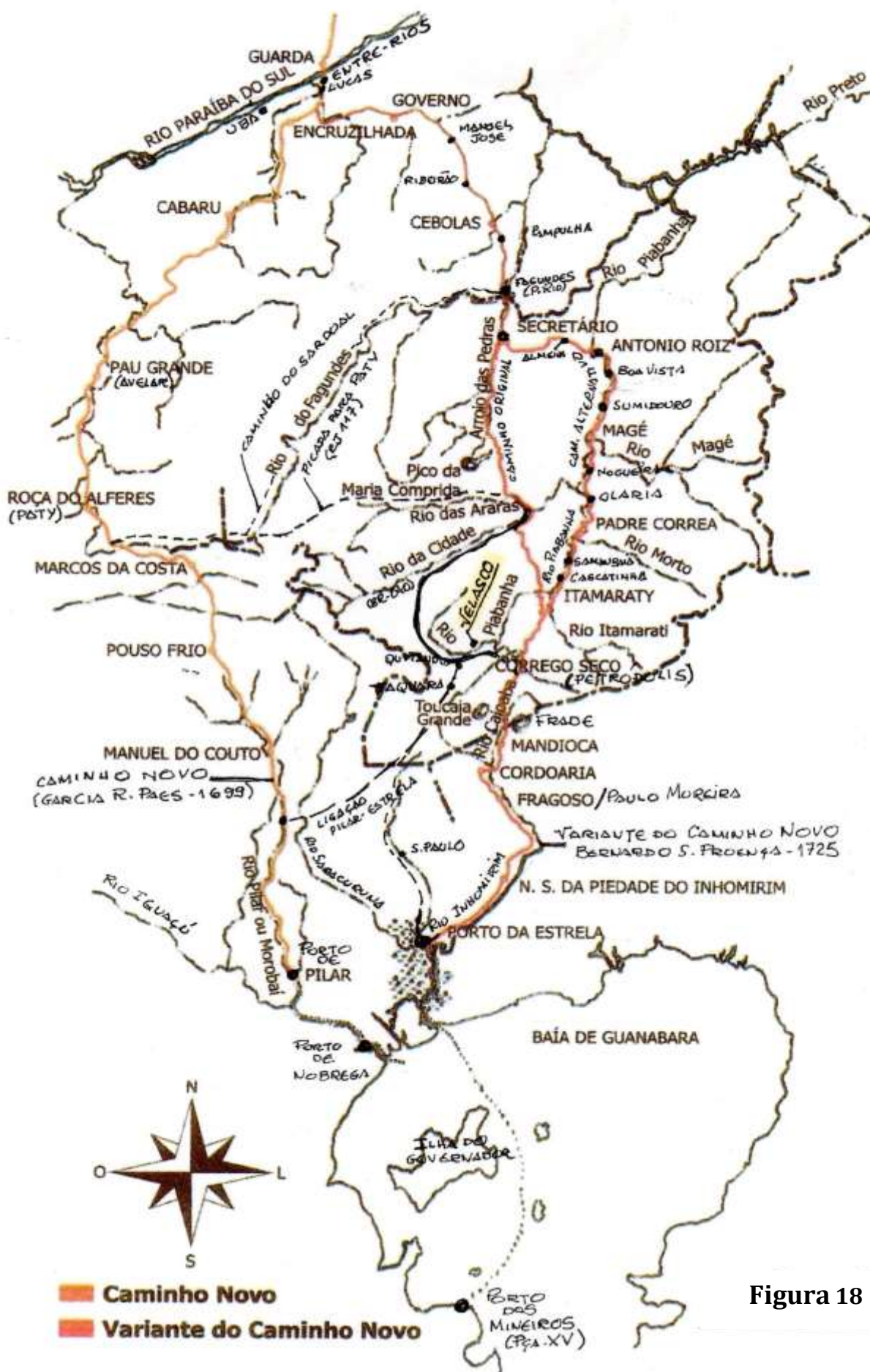
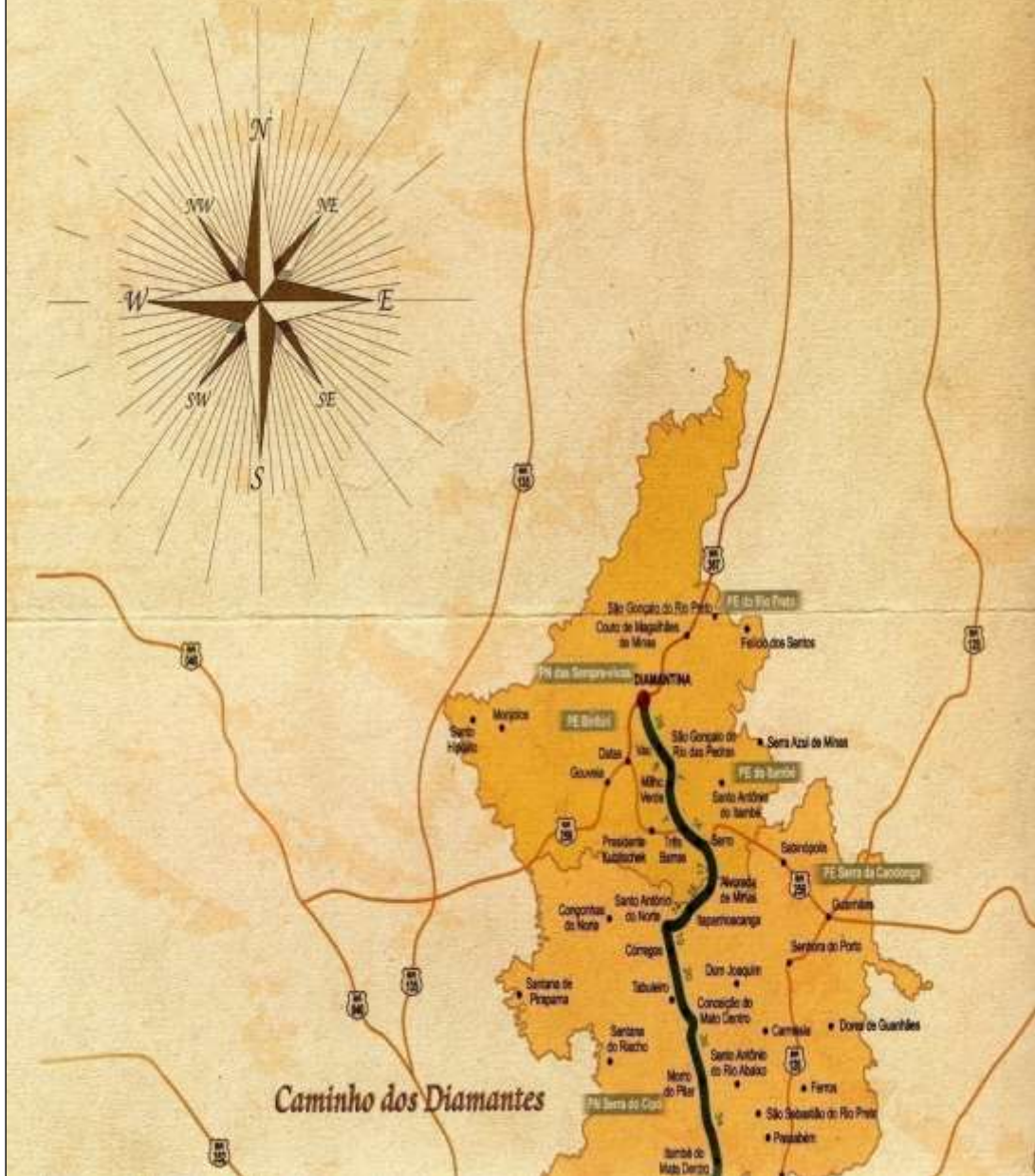
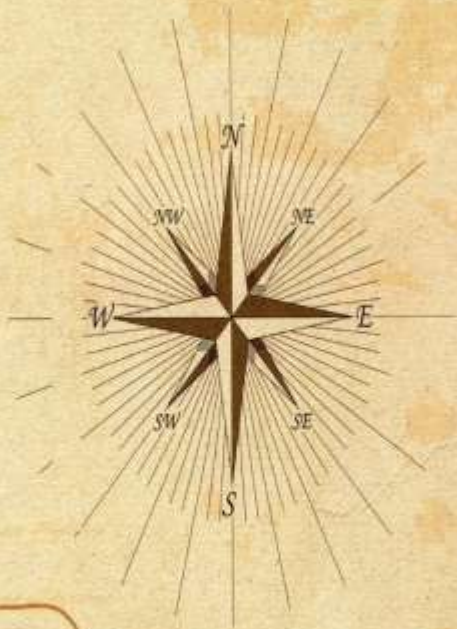


Figura 18

Mapa da Estrada Real



Caminho dos Diamantes

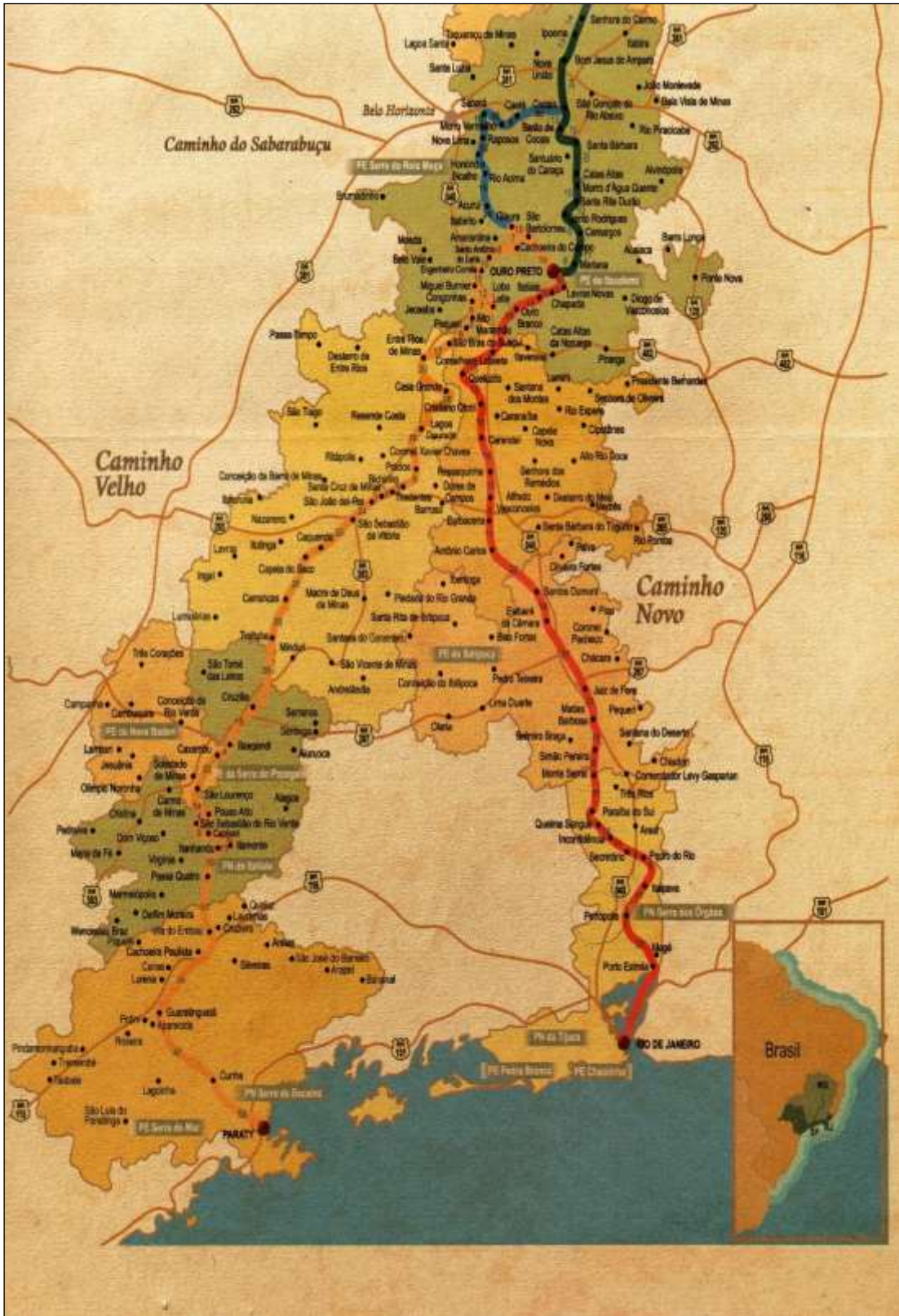


Figura 19 - Estrada Real
FIEMG - 2017

IV. FAZENDA VELASCO

A Fazenda Velasco - onde hoje está situada a Pousada Vila Brasil - veio a surgir em uma das sesmarias na região denominada 'Sobrequadras Oeste do Atalho', isto é, em uma das quadras que foram demarcadas a oeste das quadras primordiais, apresentadas na Figura 7 do capítulo anterior.

"A Sesmaria Távora/Velasco localizada a oeste da Sesmaria Itamaraty foi a primeira terra fora do eixo das Quadras do Atalho, podendo ser alinhada dentre as sesmarias pioneiras na 'serra-acima de Inhomirim' ". (10)

Domingos Rodrigues Távora, Tenente-Coronel do Rio de Janeiro, foi o primeiro proprietário da Sesmaria Távora/Velasco, adquirida em 25 de Junho de 1728. Domingos era filho de José Álvares Pereira e de Isabel Rodrigues Pereira de Távora; casado com Francisca Maurícia de Velasco, filha herdeira do Sargento Mor de Infantaria da Corte José Pinto da Fonseca e Souza e de Catarina Velasco.

"Salvador Antonio Velasco, que era neto do primeiro concessionário, tornou-se o segundo titular da Sesmaria em virtude da doação em vida que seu avô lhe fizera". (10)

Em 1762, foi realizada a 'Grande Medição Judicial de 1762' que estabeleceu a jurisprudência e que passou a condicionar a estrutura patrimonial, inclusive homologando a locação das sesmarias, sendo assim considerado um marco da ocupação ordenada da região.

Em 1773, Salvador desmembrou e vendeu a parte sul da Sesmaria, conhecida como 'Quitandinha'. O restante da Sesmaria Távora/Velasco tornou-se a Fazenda Velasco. (10)

"Entre 1775 e 1780, a Fazenda Velasco coube por herança às herdeiras de Salvador, D. Anna Joachina Velasco e D. Josepha Maria Velasco". (10)

Em 1782, Miguel Correa Pestana e seu filho Luiz da Costa Correa adquiriram a Fazenda Velasco e, em seguida, a Fazenda Morro Queimado que resultara do desmembramento da Sesmaria dos Martins. (10)

Em 1789, Ambrósio de Souza Coutinho comprou as Fazendas Velasco e Morro Queimado. "Após a definição, em torno de 1790, dos limites das Fazendas do Córrego Seco e Itamaraty, a Fazenda Velasco pôde ser, finalmente, locada em forma de um paralelogramo²⁷; testada e linha de fundo oeste medindo 1.900 braças (cerca de 4.180m) e linhas de norte e de sul com 3.000 braças (cerca de 6.600m)". (10)

Sete anos depois, em 1796, Ambrósio também adquiriu a Fazenda Quitandinha e tornou-se o maior proprietário da região, dono de 14.100.000 braças quadradas (equivalente a 68.244.000 m²). As três fazendas - Quitandinha, Morro Queimado e Velasco - adquiridas por Ambrósio de Souza Coutinho eram servidas pelo Atalho do Caminho do Sardeal o que lhes conferia um valor adicional. (10)

Em 1815, Francisco Gonçalves Rodrigues Franco comprou as três fazendas de Ambrósio. (10)

²⁷ A Fazenda Velasco, assim como outras Fazendas, não teve sucesso como propriedade agrícola, tendo sofrido diversas invasões e aforamentos irregulares por proprietários vizinhos.

Em 14 de Junho de 1841, o Major Julio Frederico Koeler comprou a Fazenda Quitandinha de Guilherme Rodrigues Franco, herdeiro de Francisco. (10)

Em um determinado momento no período 1816 -1850 a Fazenda Velasco passou à Fazenda Nacional, conforme relatório do então Superintendente da Fazenda José Maria Jacinto Rabelo, datado de 1851, quando da realização da Medição da Fazenda Imperial, envolvendo a demarcação das terras adquiridas pelos Imperadores na Serra da Estrela. O Superintendente recomendou que o Imperador ficasse com as terras da Fazenda Velasco e oferecesse outras terras, em troca, para a Fazenda Nacional, o que deve ter ocorrido. (11)

A Fazenda Velasco já era conhecida como tal desde 1773 e seu nome decorreu do sobrenome da esposa, Francisca Maurícia de Velasco, do primeiro proprietário Domingos Rodrigues Távora. A construção da Sede da Fazenda Velasco ocorreu, muito provavelmente, no período de 1773 à 1796, com maior probabilidade de ter sido construída neste período pelo rico e maior proprietário da região, Ambrósio de Souza Coutinho. Portanto a Casa Principal da Pousada Vila Brasil tem mais de 200 anos de existência.

V. COLONIZAÇÃO ALEMÃ

O Imperador D. Pedro I, que em 1822 em viagem para Minas pousava na Fazenda de Correias (originária da sesmaria concedida em 1760 a Manuel Antunes Goulão) procurou adquiri-la²⁸. Entretanto a proprietária Archangela, filha de Brites Maria de Assunção Goulão²⁹, não quis vendê-la e teria indicado ao Imperador a Fazenda do Córrego Seco. Esta, por escritura pública de 06 de fevereiro de 1830, passou ao patrimônio particular do Imperador D. Pedro I. Com a abdicação do Imperador em 1831, essas propriedades ficaram arrendadas até 1842.



Figura 20 – Fazenda do Córrego Seco em 1817

Por Decreto de 16 de março de 1843, foi celebrado ajuste para o levantamento de uma povoação e a construção do palácio, elaborando-se um plano para arrendamento e colonização das terras. No mesmo ano, João Caldas Viana, exercendo a presidência da Província do Rio de Janeiro, mandou colocar na antiga fazenda do Córrego Seco dois cruzeiros de madeira com as inscrições: "Cruz de São Pedro de Alcântara de Petrópolis" e "Cruz da Capela dos Finados de Petrópolis", para indicar o local da futura Cidade, cujo nome, homenagem de Paulo Barbosa da Silva ao Imperador D. Pedro II, passou a ser logo usado.

Posteriormente foram adquiridas as fazendas Itamarati, Morro Queimado, Quitandinha e Velasco, que vieram a completar a formação da Cidade de Petrópolis. O espaço urbano de Petrópolis viria a incorporar outras fazendas: Padre Corrêa, São Paulo, Retiro (São Tomás e São Luiz), Samambaia, Olaria, Santo Antonio, Arca, Secretário e a região do Alto da Serra.

²⁸ A filha do Imperador D. Pedro I, princesa Paula Marianna, que tinha sérios problemas de saúde e vindo a falecer com 10 anos de idade, apresentava um quadro de melhorias quando se hospedava na Fazenda do Padre Corrêa, devido ao clima agradável da região. Dessa forma o Imperador repetiria varias vezes sua estadia no local.

²⁹ Conhecida como Dona Brites, filha de Manoel Antunes Goulão e de Caetana de Assunção, viúva e herdeira de Manoel Correya da Sylva e mãe do célebre Padre Corrêa.

A Fazenda Velasco, com 2.500.000 braças quadradas (cerca de 12.100.000 m²), adquirida pelo Imperador D. Pedro II entre 1843 e 1846³⁰, veio a se transformar nos Bairros Bingen, Ingelheim, Mosela, Darmstadt, além de parte dos Bairros Nassau, Brasileiro, Worstadt, Worms e Presidência.



Figura 21 - Terras da Fazenda Imperial de Petrópolis e Quarteirões

Cabe observar a evolução da subordinação política da Fazenda do Córrego Seco. Toda a região serra-acima era inicialmente subordinada à Freguesia de Nossa Senhora da Piedade do Inhomirim; em 1789 foi incorporada à Villa de Magé; em 1814 à Villa de São Pedro de Cantagallo; em 1883 à Villa de Paraíba do Sul; criada a Cidade de Petrópolis em 16 de Março de 1843; em 1846 passou a ser subordinada à Villa da Estrella; e finalmente em 29 de Setembro de 1857 foi criado o Município de Petrópolis com 2 Distritos: o da Cidade de Petrópolis e o de Pedro do Rio.

Na primeira metade dos anos 1800, as conseqüências sociais e econômicas da Revolução Francesa, da Abolição da Escravatura e da Revolução Industrial, resultaram numa difícil condição de vida para os povos de língua alemã. A população estava politicamente desiludida e havia discórdia por toda a parte. Ricos e pobres endividados, o desemprego era grande no Rhur, o coração do aço alemão, com muitos problemas nas minas de carvão. Salvo os que viviam da vinicultura, uma parte da população, que, movida pela esperança de vida melhor, deixou tudo e partiu para as Américas. A maioria dos colonos que chegou a Petrópolis era natural de aldeias localizadas nos bispados de Treves e Mogúncia, na Renânia e Westphália, (Grão-Ducado de Hesse-Darmstadt e no Ducado de Nassau), região atualmente conhecida pelo nome de Hunsrück, localizada na confluência dos rios Reno e Mosel.



Chegada dos Colonos em 1845

³⁰ A Planta idealizada por Koeler para Petrópolis, datada de 1846, já incluía prazos de terra nas regiões dos atuais bairros do Bingen, Mosela, e Ingelheim e outros, todos decorrentes de divisões da Fazenda Velasco.

Em 1837, aportou no Rio de Janeiro o navio Justine com 238 imigrantes alemães em viagem para a Austrália. Devido aos maus tratos sofridos a bordo, eles resolveram não seguir viagem, permanecendo no Rio de Janeiro. O Major Köeler soube da ocorrência e se entendeu com a Sociedade Colonizadora do Rio de Janeiro para trazer os imigrantes para trabalhar na abertura da Estrada da Serra da Estrela, pagando uma indenização ao capitão do navio. Assim, foi dada permissão aos colonos de desembarcarem no Rio de Janeiro. Estes, sob as ordens de Köeler, estiveram primeiramente trabalhando no Meio da Serra, depois foram para o Itamarati.

A segunda leva de colonos foi planejada pelos presidentes da província João Caldas Viana e Aureliano Coutinho para trabalhar em obras na província, mas eles acabaram em Petrópolis, locando no terreno, o plano urbanístico traçado por Köeler. Foram 600 famílias de colonos alemães contratados em 1844, exigindo-se que fossem artífices e artesãos com experiência.

Treze navios deixaram Dunquerque com 2.318 imigrantes, o primeiro deles chegando ao porto de Niterói em 13 de junho e o último, em 08 de novembro de 1845, sendo os imigrantes alojados em barracões ao lado da igreja matriz. Acertados os trâmites legais, eles foram transferidos para o Arsenal de Guerra do Rio, onde se acha hoje instalado o Museu Histórico Nacional, ficando por lá alguns dias e, então, seguiram viagem pela baía da Guanabara e pelo rio Inhomirim, até o Porto da Estrela. De lá, para o Córrego Seco, foram a pé ou a cavalo, com escalas na Fábrica de Pólvora e no Meio da Serra, onde existiam ranchos para os viajantes.

Muitos dos colonos que deixaram Dunquerque não chegaram a Petrópolis em consequência do mau passadio a bordo e do surto de febres nos depósitos. Outros, especialmente crianças, não resistiram à penosa subida da serra e foram enterrados pelo caminho. O diplomata belga, Auguste Ponthos, em seu livro “Avaliação sobre o Brasil”, afirma que 252 imigrantes morreram, sendo 56 nos portos ou na viagem para Petrópolis.

Köeler planejou uma colônia agrícola em Petrópolis sem estudo prévio das características do terreno que resultou no fracasso do empreendimento. Os colonos então abriram estradas, derrubaram matas para a construção de residências e semearam suas hortas para consumo e foram utilizados nas obras públicas, retificando os rios, drenando os lodaçais e construindo os prédios da povoação.

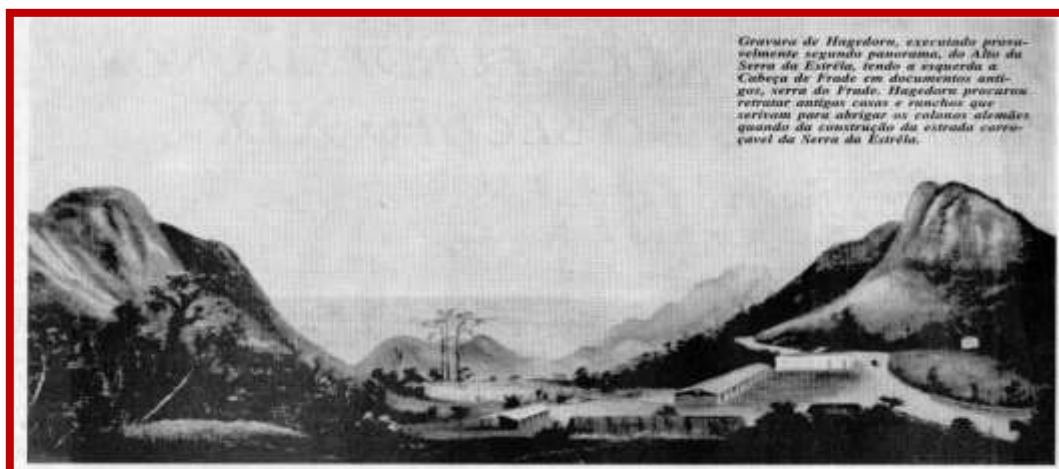


Figura 22 - Vista do Alto da Serra

Para os alemães se sentirem à vontade e se lembrarem de sua terra, Köeler repetiu os nomes das regiões de origem na Alemanha nos quarteirões da cidade como Mosela, Palatinado, Westphalia, Renânia, Nassau, Bingen, Ingelheim, Darmstadt, Woerstadt, Siméria, Castelânia e Worms. Além disso, homenageou as diversas nacionalidades de outros colonos, dando-lhes nomes nos quarteirões: Quarteirão Francês, Suíço e Brasileiro.

Para o Quarteirão Bingen foram enviadas 42 famílias de colonos³¹ para os prazos de terra a seguir indicados:

Praço	Colono	Praço	Colono
1201	André Schweikardt	1222	José Jahn
1202	Bernardo Waldhelm	1223	-
1203	Cristóvão Capalo	1224	-
1204	João Straub	1225	-
1205	Henrique Hoffmann	1226	Miguel Bull
1206	Isabel Satter	1227	João Kreisler
1207	Adão Straub	1228	-
1208	João Frederico Zerban	1229	-
1209	João Konflanz	1230	João Straub
1210	Jacó Faber	1231	Paulo Stumpf
1211	Jacó Beck	1232	Crisitiano Exel
1212	João Straub	1233	André Alfeld
1213	João Schmitz	1234	Filipe Schweikardt
1214	Carlos Straub	1235	Jacó Vetter
1215	Valentim Gabelmann	1236	Pedro Theobald
1216	Baltasar Linden	1237	Paulo Rheinfeld
1217	Guilherme Filipi	1238	Bernardo Pitzer
1218	João Schmitt	1239	Susana Boller
1219	Eva Kloh	1240	Guilherme Wolf
1220	Valentim Erbes	1241	Miguel Bender
1221	João Barden	1242	Adão Eckart

O colono André Schweikardt³² ficou, portanto, com o Praço de Terras 1201, o primeiro praço do Bingen, onde hoje se situa a Pousada Vila Brasil.

No Anexo A reproduzimos a planta do Praço 1201, datada de 10 de Agosto de 1848, com 5.995 braças quadradas, de propriedade do colono André Schweikardt. Cabe observar que o Brasil em 1848 era ainda um país rural de maneira que o que interessava era o terreno, assim as eventuais construções geralmente não constavam das plantas.

A primeira estatística da Colônia em 1845 indicava a presença de 15 franceses, 61 portugueses, 7 ingleses, 81 brasileiros e 1.921 alemães.

“Hoje, os descendentes dos colonos estão por toda a cidade e seus nomes de família podem ser encontrados no Obelisco do centro da Cidade, nos guias telefônicos e dão nomes a ruas e praças. O progresso dos colonos alemães dinamizou Petrópolis, contribuindo para o seu desenvolvimento. O seu trabalho e a sua lembrança fazem parte da Cidade”. (8)

Os colonos receberam os seus prazos de terra e construíram pequenas casas simples com cerca de 100m² de área, paredes de ‘pau-a-pique’, teto de zinco e assoalho ao ‘rés-do-chão’ de terra socada ou, bem mais raramente, revestido com pranchões de madeira.

No Bairro Castelânea, em Petrópolis, encontra-se o ‘Museu da Casa do Colono’, que preserva móveis, utensílios domésticos, ferramentas de trabalho, objetos de uso pessoal, quadros e fotografias, retratando o modo simples de vida dos primeiros colonos. A Casa construída em

³¹ Para facilitar a integração com os locais, cada chefe de família escolheu um nome em português para ser usado como primeiro nome. Andreas Schweikardt passou para André Schweikardt.

³² André Schweikardt e sua família vieram para o Brasil pelo navio Virginie, saindo de Dunquerque em 28.Abril.1845 e chegando no Rio de Janeiro em 13.Junho.1845.

1847 pertenceu ao colono Johan Gottlieb Kaiser, originário de uma aldeia às margens do Rio Mosel na Alemanha.

Conforme já observado anteriormente, os colonos dispunham de poucos recursos e não poderiam construir casas mais elaboradas com porão, paredes espessas de ‘taipa-de-pilão’, namoradeiras sob as janelas, assoalhos de canela preta elevados com baldrames e caibros, telhados de quatro águas com tesouras e coberturas em telhas canal e ainda, sem o uso de trabalho escravo, fundamental para a feitura dessas construções típicas do período colonial. Desta forma, a Fazenda Velasco, construção típica do período colonial brasileiro, já existia quando foi adquirida pelo colono André Schweikardt.

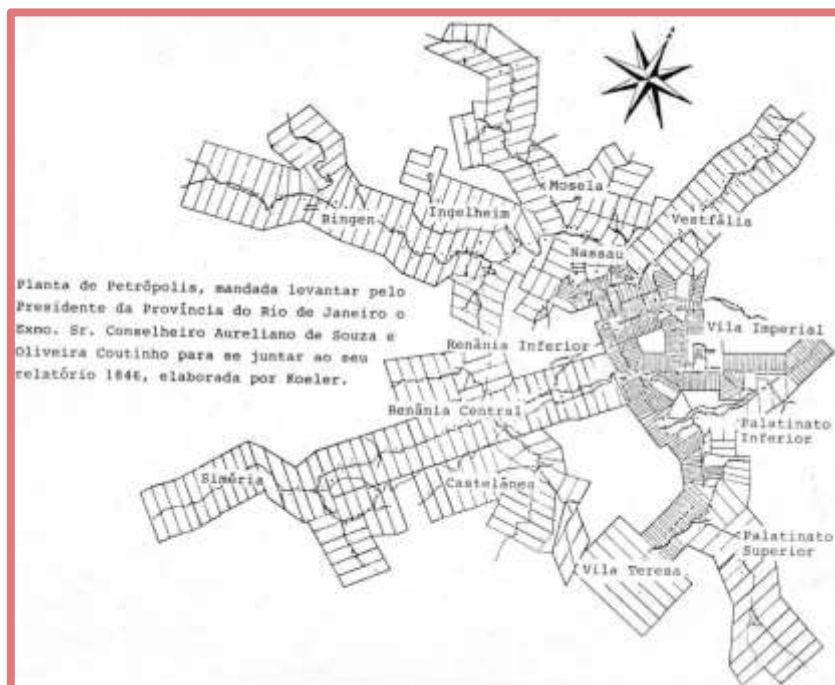


Figura 23 - Planta do Koeller 1846



Figura 24 - Detalhe do prazo 1201

VI. CONCLUSÕES

Neste trabalho nosso objetivo é identificar a história e a data mais provável de construção da Casa Principal da Pousada Vila Brasil, localizada à Rua Bingen 786, em Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro.

Alinhamos, a seguir, as principais conclusões da análise realizada contando com as experiências e as informações coletadas na bibliografia e através das nossas observações diretas na Casa Principal da Pousada Vila Brasil.

1. Trata-se de construção com **características claramente rurais**, localizada afastada dos limites do terreno.
2. Construção do **período colonial brasileiro** com grossas paredes externas em taipa-de-pilão; com namoradeiras sob os vãos das janelas, paredes internas com tijolos em armaduras de madeira, ambos tipos de paredes sem a utilização de cimento, planta retangular com alpendre frontal, telhados em quatro águas com cobertura em telhas tipo canal.
3. Construção realizada com auxílio direto da **mão-de-obra de escravos**.
4. Características que apontam para **uma construção mais antiga do período colonial**:
 - a. Utilização de peças de madeira (madres) longitudinalmente nas paredes internas, encavilhadas nos esteios e espaçadas em 1m;
 - b. Utilização de cravo de ferreiro para a fixação do emboço das paredes internas;
 - c. Peças de madeira cortadas com serras manuais e aparelhadas com enxó;
 - d. Alisares esculpidos nos esteios dos portais;
 - e. Utilização da canela preta nos assoalhos com 28cm de largura e 3 cm de espessura, instalados com junta-seca e fixados por cravos;
 - f. Uso de troncos em bruto e troncos falquejados no telhado;
 - g. Uso de cimalthas no acabamento dos beirais, sem ‘cachorros’;
 - h. Ausência de banheiro e cozinha na planta original.
5. A Casa apresenta características de uma construção sólida, com materiais de boa qualidade, localização correta no terreno e planta típica das fazendas da época. Definitivamente não foi um rancho ou sítio, e sim, uma sede de fazenda. Entretanto, não se trata de uma fazenda rica, com acabamentos e detalhes como as fazendas do ciclo do café, por exemplo.

Consideramos que se trata de uma sede de fazenda semelhante às demais fazendas derivadas das sesmarias da região ‘serra-acima’, mas com planta e área bem mais modestas.

Das doze fazendas originais existentes na região ao final do século XVIII, restam reconhecidas apenas 3 sedes de fazendas, todas bem conservadas:

- **Fazenda do Padre Corrêa** – Construção da metade do século XVIII, tombada pelo IPHAN em 1940. Inicialmente conhecida como Sítio da Posse em 1760, passando a ser chamada de Posse de Manoel Correya em 1778 e finalmente Fazenda do Padre Corrêa. Hoje, com a sede muito ampliada, é o Colégio Padre Corrêa situado à Av. Álvares de Azevedo 24, em Corrêas, Petrópolis.
- **Fazenda da Samambaia** – Construção de 1725, tombada pelo IPHAN em 1951. Sede original chamava-se Belmonte, passando a ser chamada por Samambaia, após ser demolida e reconstruída pela proprietária Dona Brites³³.

³³ “Como as mulheres à época raramente participavam dos negócios do marido e tampouco tinham idéia de suas finanças, só após a morte de Manoel Correya sua viúva Dona Brites Maria de Assunção toma conhecimento exato da colossal herança que está prestes a receber. A viúva de Manoel Correya revela-se uma mulher à frente de seu tempo legando à posteridade algumas maravilhas arquitetônicas que sobrevivem até nossos dias (20)”.

Hoje atua como Instituto e Centro de Vivência Estudantil, hospedagem como hostel com 15 dormitórios para até 90 leitos, situada na Estrada da Samambaia 138 em Samambaia, Petrópolis.

- **Fazenda Santo Antonio** – Construção do século XVIII, tombada pelo IPHAN em 1951. Sede construída em 1747, quando era conhecida como Engenho da Soledade, foi também demolida pela Dona Brites quando tornou-se sua proprietária em 1787 e construindo uma nova sede para a fazenda. Hoje é uma propriedade privada e Reserva Particular do Patrimônio Natural, situada na Estrada Philuvio Cerqueira Rodrigues km 6,5 (Estrada Petrópolis-Teresópolis), Petrópolis.

“A datação de uma construção no período colonial brasileiro é muito difícil, se for buscada apenas através dos aspectos construtivos, pois a tecnologia da construção civil do século XVIII repetiu-se (ao longo de cerca de 250 anos) até o Império com o final da escravidão no Brasil”. (2)

Para a datação, além dos aspectos construtivos, devemos considerar adicionalmente outros indicadores, como os da ocupação territorial:

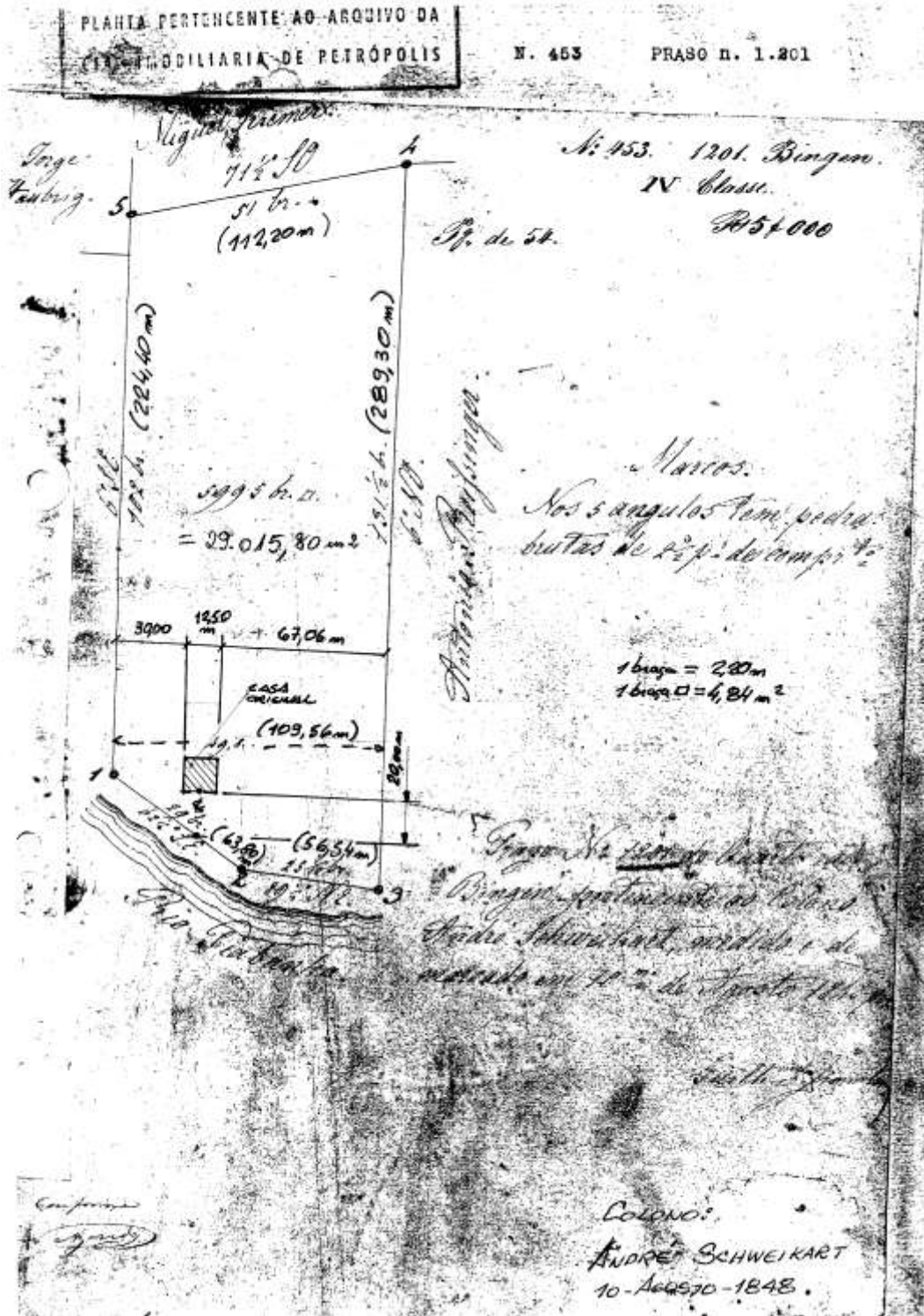
1. A Casa Principal da Pousada Vila Brasil se situa no prazo 1201, demarcado na região antes ocupada pela Sesmaria Távora/Velasco e depois pela Fazenda Velasco.
2. A Sesmaria Távora/Velasco foi concedida em 1728, sendo desmembrada em 1773, tornando-se então a Fazenda Velasco, após a realização da ‘Grande Medição Judicial de 1762’ que resolveu diversas pendências territoriais na região, inclusive da Fazenda Velasco. Consideramos, a princípio, como a datação mais antiga para a construção da Fazenda Velasco a data de 1773.
3. Entretanto, após diversos espólios e vendas da Fazenda Velasco no período 1775–1789, a Fazenda foi adquirida por um rico fazendeiro, que mais tarde seria o maior proprietário da região, Ambrósio de Souza Coutinho, que definiu a forma final da Fazenda, em um paralelogramo de 4,8km por 6,6km.

À luz dos resultados das análises realizadas, das informações coletadas e das conclusões apresentadas, consideramos que a Casa Principal da Pousada Vila Brasil se enquadra perfeitamente como a antiga Sede da Fazenda Velasco, e que o período de 1773 -1796 é o mais adequado para a datação da Sede da Fazenda Velasco, inclusive coerentemente com:

- a. **Os aspectos construtivos elencados anteriormente;**
- b. **A evolução histórica da Sesmaria Távora/Velasco e seu desmembramento na Fazenda Velasco;**
- c. **As datas de construção das outras três fazendas históricas do período colonial ainda existentes, na região.**

Trata-se de uma descoberta importante para a cidade de Petrópolis, pois a Fazenda Velasco, construída a mais de 200 anos, passa a ser a 4ª Sede de Fazendas Históricas de Petrópolis, ainda existentes e preservadas, enriquecendo assim a história da Cidade.

Anexo A. Planta e documento de concessão do Prazo 1201 pelo Imperador D. Pedro II para o colono André Schweickardt.



Obs.: inserimos a localização da Casa Principal da Pousada Vila Brasil

Anexo B – Proprietários do Prazo 1201

- 10.Ago.1848 – Concessão da Casa Imperial da Fazenda de Petrópolis para o colono André (Andreas) Schweikardt, chegado ao Brasil em 1845. De acordo com dados de 27.Dez.1859: teve mulher e 3 filhos: João Batista (mulher e 3 filhos), Leonardo (solteiro) e Juliana Elisabeth (viúva e 5 filhos).
 1850 - João Batista Schweikardt.
 1876 - Casa Imperial da Fazenda de Petrópolis.
 1879 - Simão Henrichs: filho do colono João Pedro Henrichs do prazo 1037 no Ingelheim.
 15.Mai.1912 - Simão Henrichs realiza desmembramento do prazo 1201 em diversos sub-prazos.

A seguir, listamos os proprietários dos sub-prazos 1201-E e 1201-F-Resto que formam o local onde se encontra localizada a Casa Principal da Pousada Vila Brasil, objeto deste documento:

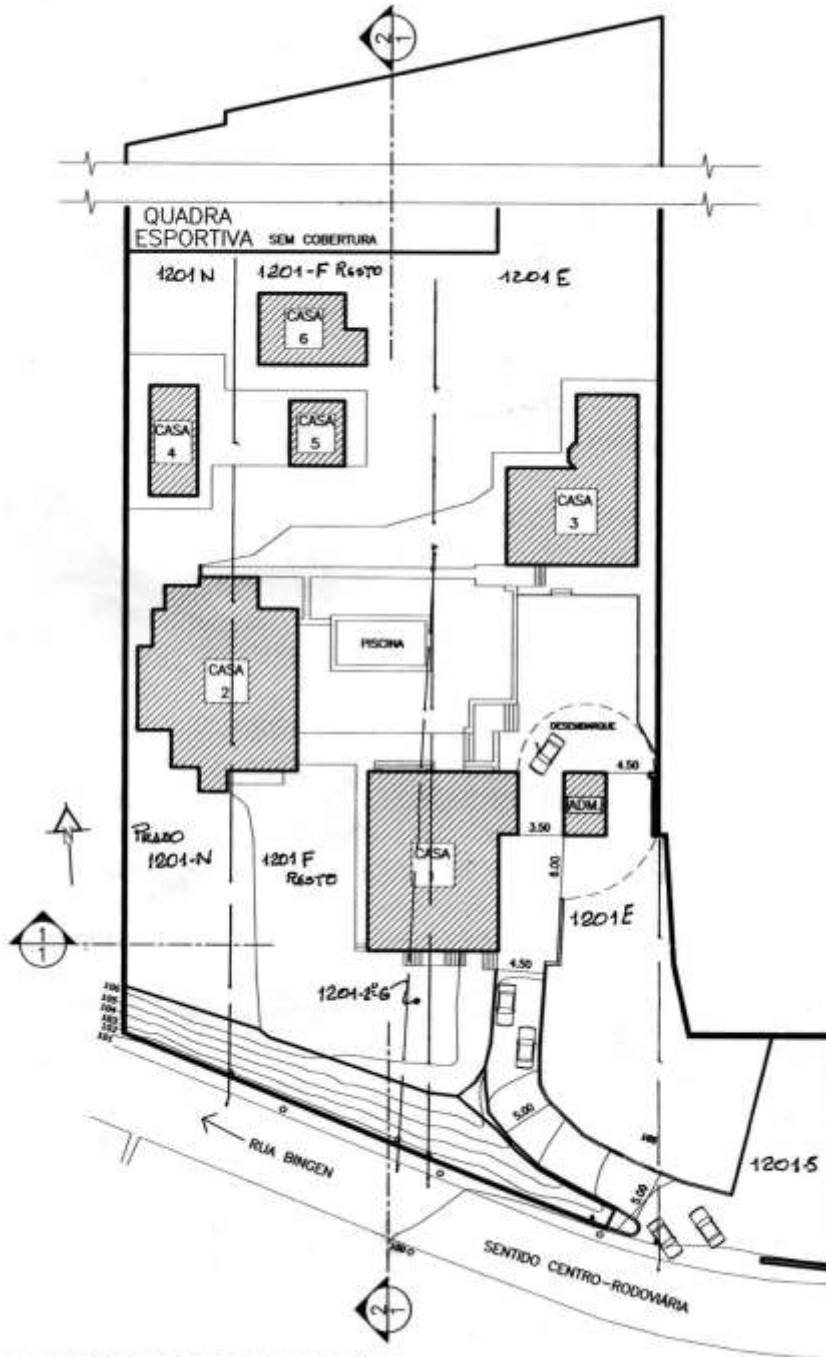
1201 – E

1201 – F-Resto

15.Mai.1912	Oswaldo Pires Rodrigues (genro de Simão Henrichs)	15.Mai.1912	Jacob Delvo ³⁴ (genro de Simão Henrichs)
		12.Jan.1916	Oswaldo Pires Rodrigues Compra desmembramento 1201-2º-G
		07.Ago.1920	Maria Magdalena Delvo e 6 filhos herdaram com mais desmembramentos
		23.Fev.1921	Luiza Josephina Schussler compra dos herdeiros
01.Fev.1939	Octávio Tarquínio de Sousa Amarantho	01.Fev.1939	Octávio Tarquínio de Sousa Amarantho Compra e reunifica
22.Mar.1943	José Juliano Vanzolini	22.Mar.1943	José Juliano Vanzolini
15.Abr.1971	Christy Participações	15.Abr.1971	Christy Participações
03.Jun.2013	Frederico Reis de Araujo e Maria Regina C Araujo	03.Jun.2013	Frederico Reis de Araujo e Maria Regina C Araujo

³⁴ Observar que de 1912 até 1920 duas famílias dividiram a Casa Principal, já que a Casa está localizada sobre os dois prazos em análise. Tanto Jacob Delvo quanto Oswaldo Pires Rodrigues eram casados com filhas de Simão Henrichs. O desmembramento e compra por Oswaldo Pires Rodrigues de uma pequena área (prazo 1201-2º-G) podem ter sido motivados para que uma das famílias ficasse com a metade exata da Casa e dispor de entradas separadas: Oswaldo com o alpendre da fachada Sul e Jacob com a sala da fachada Norte.

Anexo C. Planta de Localização dos sub-Prazos e das Casas



PLANTA DE SITUAÇÃO
esc: 1/500



Anexo D – Bacia Hidrográfica de Petrópolis

Os principais rios que banham a cidade receberam nomes e tiveram seus cursos canalizados ainda na época de Koeler. Algumas denominações permanecem até hoje. Com o desenvolvimento da cidade, alguns foram capeados, isto é, suas águas agora correm dentro de tubos por baixo de ruas ou edificações.

O rio principal é o **Piabanha**, que nasce na Pedra do Retiro e corre pelo Bingen e Av. Presidente Kennedy, recebendo o **Quitandinha**, na Praça da Confluência. Segue depois, acompanhando a Av. Barão do Rio Branco e a Estrada União-Indústria até encontrar-se com o rio **Paraíba do Sul**.

O rio **Quitandinha** nasce nas montanhas da antiga fazenda deste nome e desce para o centro da cidade onde se encontra com o rio **Palatino** na rua do Imperador.

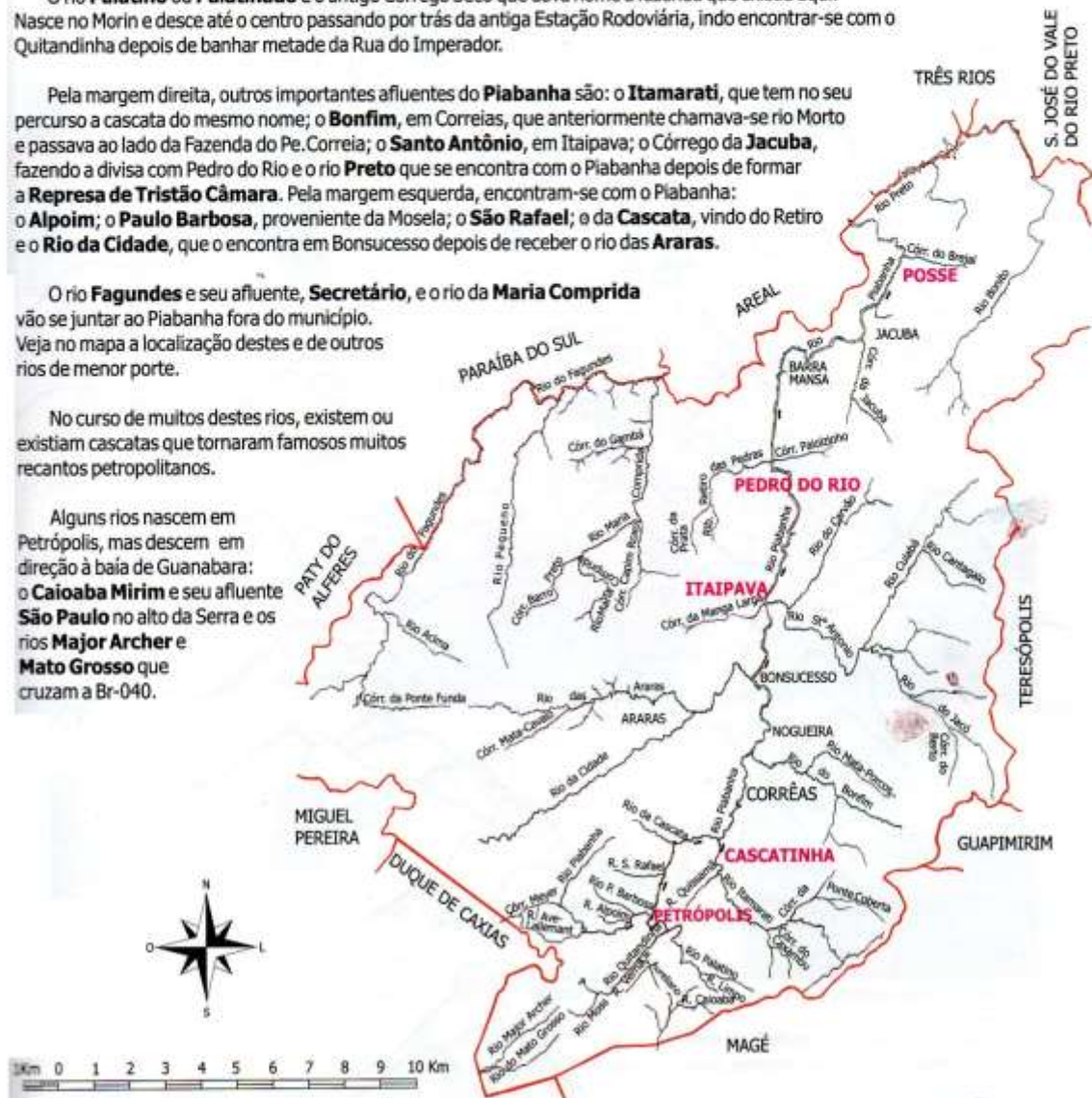
O rio **Palatino** ou **Palatinado** é o antigo Córrego Seco que dava nome à fazenda que existia aqui. Nasce no Morin e desce até o centro passando por trás da antiga Estação Rodoviária, indo encontrar-se com o Quitandinha depois de banhar metade da Rua do Imperador.

Pela margem direita, outros importantes afluentes do **Piabanha** são: o **Itamarati**, que tem no seu percurso a cascata do mesmo nome; o **Bonfim**, em Correias, que anteriormente chamava-se rio Morto e passava ao lado da Fazenda do Pe. Correia; o **Santo Antônio**, em Itaipava; o Córrego da **Jacuba**, fazendo a divisa com Pedro do Rio e o rio **Preto** que se encontra com o Piabanha depois de formar a **Represa de Tristão Câmara**. Pela margem esquerda, encontram-se com o Piabanha: o **Alpoim**; o **Paulo Barbosa**, proveniente da Mosela; o **São Rafael**; e da **Cascata**, vindo do Retiro e o **Rio da Cidade**, que o encontra em Bonsucesso depois de receber o rio das **Araras**.

O rio **Fagundes** e seu afluente, **Secretário**, e o rio da **Maria Comprida** vão se juntar ao Piabanha fora do município. Veja no mapa a localização destes e de outros rios de menor porte.

No curso de muitos destes rios, existem ou existiam cascatas que tornaram famosos muitos recantos petropolitanos.

Alguns rios nascem em Petrópolis, mas descem em direção à baía de Guanabara: o **Caioaba Mirim** e seu afluente **São Paulo** no alto da Serra e os rios **Major Archer** e **Mato Grosso** que cruzam a Br-040.



Fonte: Abad, Vera; Petrópolis, Cidade Imperial

Anexo E. A Pousada Vila Brasil e suas construções

Além da Casa Principal a Pousada Vila Brasil possui outras cinco edificações, construídas ao longo do século XX que são aqui citadas apenas para completar o quadro dos prédios da Pousada e servir de registro para o futuro.

Casa de Festas ou Casa 02 – Construída em 1972, projeto e execução do arquiteto Sergio Judice.

Casa do Café-da-Manhã ou Casa 03 - construída em 1991, projeto e execução do arquiteto Antonio Barreto.

Chalé e Alojamento de funcionários – construídos na década de 1970, projeto e execução da empresa carioca Décor.

Jardins – paisagismo da década de 1960 com base em estudos de Burle Marx.

Modificações e Expansões da Casa Principal ou Casa 01 – construção da década de 1970 com projeto e execução da empresa carioca Décor e do arquiteto Sérgio Júdice.

Restauro e Adaptação das Casas para se tornarem Pousada e Casa de Festas – no período 14 meses, de Junho de 2013 a Julho de 2014, os proprietários Frederico (engenheiro) e Regina (decoradora) e seu filho Rico (arquiteto), contrataram o empreiteiro José Jorge de Almeida para a execução do restauro e adaptação. O empreendimento envolveu mais de 70 profissionais, mestres, pedreiros, bombeiros, eletricitas, marceneiros, carpinteiros, pintores, serralheiros, vidraceiros, etc. As etapas de planejamento e projetos, básico e executivo, levaram 4 meses, anteriores ao início das obras.

A Pousada e Casa de Festas Vila Brasil, inaugurada em 06 de Agosto de 2014, tem este nome devido à arquitetura e às cores originais das casas: Azul Del’Rei, Amarelo Marrocos e Branco Gelo, típicas do período colonial do Brasil.

Anexo F. A Fazenda Velasco/Pousada Vila Brasil e a Linha do Tempo

- | | | | |
|-------|--|-------|--|
| 1500 | Pedro Álvares Cabral descobre o Brasil. Iniciada a exploração do pau-brasil. | 1678 | Zumbi, assume o Quilombo dos Palmares. |
| 1502 | Primeira viagem de Américo Vespúcio ao Brasil. Primeiras mudas de cana-de-açúcar foram trazidas da Ilha da Madeira. Primeiros navio negreiros desembarcam escravos em Hispaniola, América Central. | 1686 | Concessão de sesmarias na subida da Serra da Estrela. |
| 1504 | Americo Vespúcio retorna ao Brasil com Gonçalo Coelho. | 1693 | Jazidas de ouro encontradas em Vila Rica (Ouro Preto). |
| 1531 | Martim Afonso de Souza desembarca em Salvador, iniciando a colonização do Brasil. Quatro homens de Martim Afonso exploram a região 'serra acima' da Baía da Guanabara. | 1700 | Aberto o Caminho Velho (via São Vicente e depois via Paraty) para escoamento da produção do ouro de Minas Gerais. |
| 1534 | O rei de Portugal cria 15 capitanias no Brasil. | 1710 | Aberto o Caminho Novo (via Pilar e Pati) por Garcia Rodrigues Pais. |
| 1549 | Tomé de Souza chega na Bahia e assume o Governo Geral. | 1713 | Cresce a produção de ouro em Minas Gerais. 30mil trabalham na mineração |
| 1554 | Fundação de São Paulo pelos jesuítas. | 1713 | A Inglaterra obtém o monopólio do tráfico de escravos negros na América. |
| 1555 | Villegaignon instala-se na Baía da Guanabara, em nome da França. | 1718 | Jazidas de ouro encontradas em Mato Grosso. |
| 1565 | Iniciada a concessão de sesmarias nas margens da Baía da Guanabara. Estácio de Sá funda a cidade do Rio de Janeiro. | 1720 | Minas Gerais se separa de São Paulo. Ouro é explorado em Goiás e Mato Grosso. |
| 1567 | Mem de Sá expulsa os franceses. | 1725 | Bernardo Proença abre o Atalho do Caminho Novo, via Porto da Estrela e 'serra-acima', que encurta e facilita o escoamento do ouro de Minas para o Rio de Janeiro e para Portugal. |
| 1574 | A Coroa portuguesa autoriza a escravidão de índios. | 1721- | Concessão de 30 sesmarias na região do atual município de Petrópolis. |
| 1580 | Filipe II unifica a Espanha e Portugal e o Brasil passa a fazer parte da Coroa Espanhola. | 1762 | Concessão da sesmaria Távora/Velasco para Domingos Rodrigues Távora, casado com Francisca Maurícia de Velasco. |
| 1590 | Primeira jazida de ouro no Brasil encontrada em São Paulo. | 1728 | Concessão da sesmaria Távora/Velasco para Domingos Rodrigues Távora, casado com Francisca Maurícia de Velasco. |
| 1624 | Frota holandesa invade a Bahia. | 1736 | População 'serra-acima' atinge 343 pessoas e 22 moradias, dedicadas ao atendimento dos viajantes. |
| 1630 | Holandeses ocupam Pernambuco. | 1744 | Goiás se separa de São Paulo. |
| 1635 | Holandeses dominam o comércio de açúcar. | 1748 | Mato Grosso se separa de São Paulo. |
| 1637 | Maurício de Nassau nomeado governador dos territórios ocupados pelos holandeses. | 1750 | Decadência da indústria açucareira no Brasil. Brasil produz metade de todo o ouro produzido no mundo. |
| 1654 | Holandeses saem do Brasil. Bandeirantes exploram o interior do Brasil. Extração de ouro e diamantes e a exploração dos escravos dominam a atividade econômica do Brasil. | 1755 | Terremoto destrói Lisboa. |
| 1668 | Espanha reconhece a independência de Portugal. | 1763 | Mudança da Capital da Colônia de Salvador para o Rio de Janeiro. |
| 1675 | Jazidas de ouro encontradas no Rio São Francisco. | 1773 | Herdeiro da sesmaria Távora/Velasco, Salvador Velasco, desmembrou e vendeu a parte sul da sesmaria, conhecida como 'Quitandinha'. O restante tornou-se a Fazenda Velasco. |
| 1775- | Neste período coube às herdeiras de Salvador Velasco, Anna e Josepha Velasco, a posse da Fazenda Velasco. | 1855 | Proibida a importação e o tráfico de escravos no Brasil. |
| 1780 | | 1888 | Abolição da escravidão no Brasil. |

- 1782 **Miguel Pestana e seu filho Luiz Correa compram as Fazendas Velasco e Morro Queimado.**
- 1789 Ocorre a Inconfidência Mineira.
- 1792 Tiradentes é enforcado. **Ambrósio Coutinho compra as Fazendas Velasco e Morro Queimado. Construção da sede da Fazenda Velasco, hoje a casa principal da Pousada Vila Brasil.**
- 1796 **Ambrósio Coutinho adquire a Fazenda Quitandinha e torna-se o maior proprietário da região com mais de 68 milhões de m2. As 3 fazendas são parte do caminho do ouro (Atalho do Sardoal) o que lhes concede valor adicional.**
- 1804 Napoleão é coroado imperador da França.
- 1808 D. João VI chega ao Brasil, fugindo de Napoleão.
- 1815 Napoleão é derrotado em Waterloo. **Francisco Franco compra as 3 fazendas de Ambrósio Coutinho.**
- 1816- Neste período a Fazenda Velasco
1850 passa à Fazenda Nacional
- 1821 D. João VI regressa à Portugal. D. Pedro I assume.
- 1822 D. Pedro I declara a independência do Brasil.
- 1830 **D. Pedro I adquire a Fazenda do Córrego Seco, futuro centro da cidade de Petrópolis.**
- 1831 D. Pedro I abdica e vai para Portugal.
- 1837 **Aportou no Rio de Janeiro o primeiro navio com (238) colonos alemães, o Justine.**
- 1841 D. Pedro II é coroado.
- 1843- Celebrado decreto de D. Pedro II
1846 para levantamento de uma povoação e construção de palácio na região da futura cidade de Petrópolis. **Aquiridas as fazendas Itamarati, Morro Queimado, Quitandinha e Velasco, por D. Pedro II.**
- 1846 **Koeller realiza a planta da futura cidade de Petrópolis, contendo os atuais bairros de Bingen, Ingelheim, Mosela e partes de outros bairros, todos decorrentes de divisões da Fazenda Velasco.**
- 1848 **Fundação de Petrópolis. Concessão da Fazenda de Petrópolis do Prazo 1201 para o colono alemão André Schweikardt, chegado ao Brasil em 1845, com mulher e 3 filhos. Este é o prazo onde se localiza a sede da Fazenda Velasco, atual Pousada Vila Brasil.**
- 1889 Proclamada a república no Brasil. D. Pedro II exilado na França.
- 1891 Falece D. Pedro II na França aos 66 anos.
- 1912 **Simão Henrichs adquire e divide o prazo 1201 em diversos sub-prazos**
- 1914 Primeira Guerra Mundial.
- 1917 Brasil entra na primeira Guerra Mundial.
- 1939 Segunda Guerra Mundial. **Octávio Tarquínio de Sousa Amarantho adquire e reunifica varios sub-prazos, dando a forma atual da propriedade, onde hoje se localiza a Vila Brasil.**
- 1944 Brasil entra na segunda Guerra Mundial.
- 1960 Fundação de Brasília.
- 1964 Golpe militar no Brasil.
- 1971 **Ministro Hélio Beltrão e sua esposa D. Maria Beltrão adquirem a propriedade, onde hoje se localiza a Vila Brasil, como casa de veraneio.**
- 1982 Guerra das Malvinas
- 1985 Fim do Regime Militar.
- 1988 Aprovada nova Constituição do Brasil.
- 1994 Fim do apartheid na África do Sul
- 2013 **Frederico e Regina Araujo adquirem a propriedade. Reformas e adaptações, para operação como Pousada e Casa de Festas Vila Brasil, são realizadas.**

Anexo G. Referencias Bibliográficas

- (1) Priore, Mary Del; 'Histórias da Gente Brasileira', Vol.1 Colônia, 2016.**
- (2) Reis Filho, Nestor Goulart; 'Quadro da Arquitetura (Urbana) no Brasil', Perspectiva, 2013.**
- (3) Saia, Luis; 'Morada (Rural) Paulista', Perspectiva, 1972.**
- (4) Silva Telles, Pedro Carlos da; 'História da Engenharia no Brasil (Séculos XVI a XIX)', 1984.**
- (5) Lorenzi, Harri; 'Árvores Brasileiras', vol. 1, pag. 239 e 147.**
- (6) Ambrozio, Julio; 'Petrópolis - O presente e o passado no espaço urbano. Uma história territorial', Escrita Fina, 2013.**
- (7) IBGE; 'Petrópolis-Infográficos-histórico', 2013.**
- (8) Taulois Prof. Antonio Eugenio; Fundação Cultura e Turismo de Petrópolis/Instituto Histórico de Petrópolis.**
- (9) Saint-Hilaire, Auguste de; 'Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais - 1817', Universidade de São Paulo, 1975.**
- (10) Fróes, Carlos Oliveira; 'Petrópolis-A Saga de um Caminho- capítulos 5, 6 e 7', 2006.**
- (11) Trabalhos da Comissão do Centenário de Petrópolis, Vol. IV, Prefeitura Municipal de Petrópolis, 1941, p.17, 242.**
- (12) Haack, Frederico; 'História de Petrópolis', Diversos artigos, 2013.**
- (13) Bandeira, Julio e Lago, Pedro Corrêa do; 'Debret e o Brasil 1816-1831, Litografias, Capivara 2009.**
- (14) Rugendas; 'Brasil Antigo', Litografias, 1835.**
- (15) Rabaço, José Henrique; 'História de Petrópolis', IHP, 1985.**
- (16) Schaette, E.; 'Os Primeiros Sesmeiros Estabelecidos no Território Petropolitano', Trabalhos da Comissão do Centenário de Petrópolis, Vol. V, Prefeitura Municipal de Petrópolis, 1942.**
- (17) Prefeitura Municipal de Petrópolis; Centenário de Petrópolis - Trabalhos da Comissão Vol.VII 'Os Fundadores', 1943.**
- (18) Schaette, E.; 'As Fazendas Serra-Acima', Trabalhos da Comissão do Centenário de Petrópolis, Vol. IX, Prefeitura Municipal de Petrópolis, 1948.**
- (19) Feiber, Silmara Dias; 'Técnicas Construtivas Tradicionais', 2012.**
- (20) Saboia, Patricia e Gouvêa Vieira, Antonio A.; 'O Vale do Cuiabá', 2012.**
- (21) Costa, Antonio Gilberto; 'Os Caminhos do Ouro e a Estrada Real', 2005.**
- (22) Lamego, Alberto R.; 'O Homem e a Serra', 1950.**
- (23) Abad, Vera; 'Petrópolis, Cidade Imperial', 2009.**